



Bruno Fernandes Carvalho

**A COMUNICAÇÃO COMO EIXO FORMATIVO DO
PRESBÍTERO: DA REVELAÇÃO AO MAGISTÉRIO
CONTEMPORÂNEO E À PRÁXIS EVANGELIZADORA**

MONOGRAFIA

Rio de Janeiro,
Junho de 2025



Bruno Fernandes Carvalho

**A Comunicação como Eixo Formativo do Presbítero: Da
Revelação ao Magistério Contemporâneo e à Práxis
Evangelizadora**

Monografia apresentada à Pontifícia
Universidade Católica do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Fábio Luiz de Souza

Rio de Janeiro, junho de 2025



Bruno Fernandes Carvalho

**A Comunicação como Eixo Formativo do Presbítero: Da
Revelação ao Magistério Contemporâneo e à Práxis
Evangelizadora**

Monografia apresentada junto ao
Departamento de Teologia da PUC-Rio,
como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel em Teologia.

Prof. Dr. Pe. Fábio Luiz de Souza

Leitor

Nota: _____; _____ (por extenso)

Rio de Janeiro, 24 de junho de 2025

Dedico esse trabalho ao Senhor e Rei de todo o universo, nosso Senhor Jesus
Cristo, e ao meu avô Geraldo Samuel Fernandes

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, fonte de toda vocação e sabedoria, que, em sua infinita misericórdia, sustentou-me nas dificuldades, fortaleceu-me nas limitações e conduziu-me no caminho da realização deste trabalho. À sempre e bem-aventurada Santíssima Virgem Maria, Mãe da Igreja e minha Mãe, e a São José, seu castíssimo esposo, por sua constante intercessão materna e protetora. Uno minha gratidão aos santos que me acompanham como intercessores celestes: a São Tomás de Aquino, mestre da teologia; a São Tiago Maior, patrono do meu caminho apostólico; a São Padre Pio, exemplo de vida sacerdotal e de entrega total; e, de modo especial, a São Francisco Xavier, missionário incansável do Evangelho, e São Felipe Neri, modelo de alegria e zelo pastoral, cuja intercessão confio nesta caminhada vocacional.

Ao Seminário Arquidiocesano de São José, expresso minha gratidão ao seu Arcebispo, o Eminentíssimo Cardeal Dom Orani João Tempesta; ao seu Reitor, o Cônego Jorge André Pimentel Gouvêa; a todos os formadores, que com sabedoria e dedicação zelam por nossa formação; ao diretor espiritual da casa e a cada um dos meus irmãos seminaristas, especialmente aos que comigo partilham a mesma turma, pelo apoio, fraternidade e amizade ao longo destes anos.

De modo muito especial, agradeço ao meu orientador, o Reverendíssimo Prof. Dr. Pe. Fábio Luiz de Souza, por sua disponibilidade, orientações durante a elaboração desta monografia, que tanto contribuíram para o amadurecimento deste trabalho.

Expresso ainda minha profunda gratidão ao meu diretor espiritual, Pe. Marcus Vinicius Brito de Macedo, que sempre esteve ao meu lado como pai espiritual e amigo, oferecendo conselhos, apoio e orações, ajudando-me a perseverar nos estudos e, sobretudo, a manter viva a chama inicial da minha vocação, mesmo nos momentos de cansaço e provação espiritual.

Com particular apreço, agradeço ao Pe. Arnaldo Rodrigues da Silva, com quem colaboro pastoralmente e de quem recebi não apenas apoio, mas também inspiração para refletir sobre a comunicação na vida e no ministério do presbítero. Seu testemunho sacerdotal e sua dedicação à missão da Igreja foram elementos significativos que motivaram a escolha e o desenvolvimento deste trabalho.

Dirijo também um sincero agradecimento à Giselle Nogueira, bibliotecária do Seminário, pela valiosa assistência na pesquisa bibliográfica e no auxílio técnico durante a formatação final desta monografia, cuja colaboração foi imprescindível para a conclusão deste trabalho.

Por fim, agradeço aos meus pais, minha irmã e a toda minha família, cujo amor, incentivo e presença constante foram fundamentais durante toda a minha formação acadêmica e vocacional.

A todos, minha sincera gratidão e oração.

Resumo

O trabalho de pesquisa “*A Comunicação como Eixo Formativo do Presbítero: Da Revelação ao Magistério Contemporâneo e à Práxis Evangelizadora*”, investiga a centralidade da comunicação na formação e no ministério do presbítero na Igreja Católica. Parte-se da comunicação divina manifestada na Revelação e culminada em Jesus Cristo, o Verbo Encarnado, modelo paradigmático da ação comunicativa da Igreja. Diante disso, busca-se responder: de que modo a comunicação, fundamentada na Revelação, sistematizada pelo Magistério e exigida pela missão evangelizadora, constitui um eixo essencial da formação e da identidade do presbítero na contemporaneidade? O percurso da pesquisa abrange a tradição bíblica, os documentos do Magistério desde o Concílio Vaticano II até orientações recentes como *Communio et Progressio* e *Aetatis Novae*, que reforçam a comunicação como espaço de comunhão e encontro. A formação presbiteral é analisada como processo integral que atravessa as dimensões humana, espiritual, intelectual e pastoral, conforme a *Pastores Dabo Vobis*, o *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros* e a *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. Por fim, reflete-se sobre a práxis comunicativa do presbítero na era digital, à luz das exortações *Verbum Domini*, *Evangelii Gaudium* e *Christus Vivit*, apontando a urgência de uma comunicação que vá além da transmissão de conteúdos e favoreça o testemunho relacional, missionário e transformador.

Palavras-chave

Presbítero; Comunicação; Formação; Revelação; Igreja; Evangelização.

Abstract

The research work "Communication as a Formative Axis of the Presbyter: From Revelation to Contemporary Magisterium and Evangelizing Praxis" investigates the centrality of communication in the formation and ministry of the presbyter in the Catholic Church. It begins with the divine communication manifested in Revelation and culminated in Jesus Christ, the Incarnate Word, the paradigmatic model of the Church's communicative action. In light of this, it seeks to answer: how does communication, grounded in Revelation, systematized by the Magisterium, and demanded by the evangelizing mission, constitute an essential axis of the presbyter's formation and identity in contemporary times? The research journey encompasses the biblical tradition and the documents of the Magisterium from the Second Vatican Council to recent guidelines such as *Communio et Progressio* and *Aetatis Novae*, which reinforce communication as a space of communion and encounter. Presbyteral formation is analyzed as an integral process that traverses the human, spiritual, intellectual, and pastoral dimensions, in accordance with *Pastores Dabo Vobis*, the *Directory for the Ministry and Life of Priests*, and the *Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis*. Finally, it reflects on the communicative praxis of the presbyter in the digital age, in light of the exhortations *Verbum Domini*, *Evangelii Gaudium*, and *Christus Vivit*, pointing to the urgency of a communication that goes beyond the mere transmission of content and fosters relational, missionary, and transformative witness.

Keywords

Presbyter; Communication; Formation; Revelation; Church; Evangelization.

Sumário

1 Introdução	10
2 Fundamentos Teológicos da Comunicação	13
2.1 Deus que se Revela: Comunicação na Tradição Bíblica	13
2.2 Jesus Cristo, o Verbo Encarnado: Modelo de Comunicação	17
2.3 A comunicação na origem da missão da Igreja	20
3 Magistério, Formação Presbiteral e Configuração Comunicativa	25
3.1 Magistério da Igreja sobre a Comunicação	25
3.2 Comunicação e Formação Presbiteral: Itinerário no Processo Formativo	30
3.3 Configuração ao Verbo Comunicador: O Agir Comunicativo do Presbítero	33
4 A Práxis Comunicativa do Presbítero	39
4.1 Evangelização: Palavra e Testemunho	39
4.2 Liturgia: Comunicação no Mistério	42
4.3 O Presbítero e sua Presença Pastoral na Era Digital	45
5 Conclusão	52
6 Referências bibliográficas	58

Lista de abreviaturas

CEC	Catechismus catholicae ecclesiae
CP	Communio et Progressio
CV	Christus Vivit
DAp	Documento de Aparecida
DV	Dei Verbum
EG	Evangelii Gaudium
EN	Evangelii Nuntiadi
GS	Gaudium et Spes
IM	Inter Mirifica
LG	Lumen Gentium
MD	Mediator Dei
PDV	Pastore dabo Vobis
PO	Presbyterorum Ordinis
SC	Sacrosanctum Concilium
VD	Verbum Domini

Pois não podemos, nós, deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos.

At 4,20

1

Introdução

Em um mundo cada vez mais interconectado e complexo, a capacidade de comunicar-se eficazmente emerge não apenas como uma habilidade desejável, mas como um pilar fundamental para a vivência do sacerdócio e para a missão evangelizadora. A comunicação, em sua essência teológica, não é meramente um processo de transmissão de informações, mas uma dinâmica intrínseca à própria natureza de Deus, que se revela e se doa em um constante diálogo com a humanidade. Este estudo busca, portanto, traçar um percurso que parte da compreensão da comunicação divina, manifestada na Revelação, passa pela sua sistematização e interpretação no Magistério da Igreja, e culmina na práxis concreta do presbítero no cenário contemporâneo.

No 2º reside na compreensão da comunicação como um atributo divino, intrínseco à própria essência de Deus. A Sagrada Escritura, desde os seus primórdios, atesta um Deus que se revela e se comunica de forma contínua e progressiva, estabelecendo um diálogo de amor com a humanidade. A criação, por si só, já é um ato comunicativo de um Deus que, por amor e livre vontade, confere existência e sentido a tudo o que existe. Cada elemento da criação, é um sinal da Palavra criadora de Deus, um convite à contemplação e ao reconhecimento da sua presença atuante no mundo. Essa comunicação primordial, que se manifesta na ordem e na beleza do universo, é a primeira evidência do desejo divino de estabelecer uma relação com o ser humano. No Antigo Testamento, essa comunicação divina se desdobra em diversos eventos salvíficos, alianças e palavras atreves das profecias. Deus não apenas fala, mas age na história, revelando-se por meio de intervenções concretas na vida do seu povo. A culminância dessa autocomunicação divina se dá na pessoa de Jesus Cristo, o Verbo Encarnado. Nele, a comunicação atinge sua forma mais perfeita e encarnada, pois Jesus não apenas fala de Deus, mas é a própria Palavra de Deus feita carne. Sua vida, os gestos, as parábolas e, sobretudo, o mistério pascal de Cristo – sua paixão, morte e ressurreição – são a expressão máxima da comunicação divina que salva e transforma. Jesus Cristo é o modelo para toda a ação comunicativa da Igreja e, consequentemente, do presbítero.

No 3º demonstra que ao longo de sua história, a Igreja tem se debruçado sobre a questão da comunicação, buscando compreender e sistematizar seu papel na transmissão da fé e na evangelização. Um marco decisivo na compreensão da comunicação pela Igreja foi o Concílio Vaticano II, com a promulgação da Constituição Dogmática *Dei Verbum* e do Decreto *Inter Mirifica*. A *Dei Verbum* sublinha que Deus se comunica com a humanidade de modo vivo e eficaz através da Sagrada Escritura e da Tradição. O *Inter Mirifica* foi o primeiro documento conciliar a abordar especificamente os meios de comunicação social, reconhecendo-os como um novo modo de evangelizar. A Instrução Pastoral *Communio et Progressio* aprofundou essa reflexão, e a *Aetatis Novae* abordou a revolução provocada pelos meios de comunicação de massa, reafirmando a necessidade de a Igreja fazer uso consciente e eficaz dos novos meios para cumprir sua missão evangelizadora. Esses documentos magisteriais demonstram uma crescente consciência da Igreja sobre a importância de uma comunicação que não se restringe à mera transmissão doutrinal, mas que seja capaz de gerar comunhão, diálogo e encontro, adaptando-se às linguagens e realidades do tempo presente.

Nesse contexto de uma Igreja que se compreende cada vez mais como comunicadora, a formação do presbítero assume um papel crucial. A comunicação não pode ser vista como um apêndice ou uma habilidade secundária na formação sacerdotal, mas como um eixo formativo que perpassa todas as dimensões: humana, espiritual, intelectual e pastoral. A Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, do Papa João Paulo II, é um documento para a formação presbiteral, onde enfatizando a necessidade de uma formação integral, intrinsecamente ligada à capacidade de comunicação. O Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros e a *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* também reforçam a importância da comunicação na formação e no ministério presbiteral, sublinhando a necessidade de os futuros presbíteros desenvolverem habilidades comunicativas que lhes permitam dialogar com o mundo contemporâneo e anunciar o Evangelho de forma clara e cativante. A *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, em particular, destaca a importância de uma formação que prepare os candidatos ao sacerdócio para os desafios da evangelização na cultura digital, incentivando o uso ético e pastoral dos meios de comunicação social.

Finalmente, no 4º capítulo esta pesquisa explorará a práxis evangelizadora do presbítero no cenário atual, com foco na comunicação como ferramenta essencial

para a missão. A presença do presbítero na era digital, por exemplo, exige uma nova abordagem comunicativa, que vá além da mera transmissão de conteúdo e que seja capaz de estabelecer relações significativas no ambiente virtual. A Exortação Apostólica *Verbum Domini*, de Bento XVI, ressalta a importância da comunicação da Palavra em todas as suas formas. A *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco, é um convite à alegria do Evangelho e à renovação da ação evangelizadora da Igreja, insistindo na necessidade de uma Igreja em saída, que se comunica de forma incisiva e relevante. A Exortação Apostólica *Christus Vivit*, também do Papa Francisco, direcionada aos jovens, aborda a comunicação de forma particular no contexto da evangelização das novas gerações, reconhecendo a importância das redes sociais e dos ambientes digitais. Em suma, a comunicação, em suas múltiplas facetas, desde a Revelação divina até a práxis evangelizadora na era digital, constitui o cerne da formação e do ministério do presbítero. A compreensão aprofundada de sua dimensão teológica, a assimilação dos ensinamentos do Magistério e o desenvolvimento de habilidades comunicativas eficazes são imperativos para que o presbítero possa cumprir sua missão de anunciar o Evangelho e construir o Reino de Deus no mundo contemporâneo. Este trabalho, ao explorar essas dimensões, espera contribuir para uma reflexão mais ampla sobre a formação presbiteral e a urgência de uma comunicação que seja verdadeiramente evangelizadora e transformadora.

2

Fundamentos Teológicos da Comunicação

2.1

Deus que se Revela: Comunicação na Tradição Bíblica

Deus, por livre vontade e por amor à criação, quis, de forma gratuita, comunicar-se a toda a humanidade. A sua autocomunicação é um dom, uma graça concedida a todos que se abrem para a sua Revelação na história. A comunicação de Deus não é um simples ato informativo, mas sim verdadeiramente comunicativo, pelo qual Deus se dá a conhecer a si mesmo. Esse comunicar, por meio da Revelação é uma dinâmica amorosa, em que Deus se revela para que o homem, criado à sua imagem e semelhança (Gn 1,27), possa participar da sua vida divina. Desde os tempos antigos, Ele falou aos nossos pais pelos profetas e, nestes últimos tempos, falou-nos por seu Filho (Hb 1,1-2), tornando-se próximo e acessível. Assim, a Revelação é expressão do desejo divino de comunhão, e sua comunicação é sempre um ato de amor que convida o ser humano a um encontro transformador com o Deus vivo.

Para o cristianismo, essa Revelação atinge sua plenitude em Jesus Cristo, o Deus encarnado, que assume a condição humana e intervém diretamente na história do homem. Cardeal Müller define Revelação como uma ação salvífica de Deus na história, manifestada progressivamente no Antigo e Novo Testamento e culminando em Jesus Cristo, o Verbo encarnado, em quem Deus se revela plenamente como mistério de amor trinitário: Pai, Filho e Espírito Santo. Essa Revelação não é apenas informativa, mas profundamente comunicativa e relacional, pois Deus se dá a conhecer e se doa em pessoa para salvar:

Revelação é a designação sintetizadora da ação salvífica de Deus na história, testemunhada no Antigo Testamento e no Novo Testamento, que tem seu ponto alto no acontecimento de Cristo. A revelação de Jesus Cristo abre ao crente o conhecimento da realidade de Deus como mistério do amor que é o próprio Deus Pai, Filho e Espírito Santo.¹

Essa compreensão é reforçada pelo ensinamento da Constituição Dogmática *Dei Verbum* no número 2, que destaca que Deus, em sua iniciativa amorosa, comunica-se para que o ser humano seja introduzido na comunhão trinitária. A

¹ MÜLLER, G. L., Dogmática Católica: teoria e prática da teologia, p. 48.

Revelação, portanto, é um dom que visa à participação do homem na vida divina, e se realiza plenamente em Jesus Cristo, o Verbo encarnado². Essa participação na comunicação divina não se trata de uma ideologia concebida pelo ser humano, mas constitui uma autocomunicação de Deus, que adquire pleno significado com o mistério da Encarnação. Nela, Deus se manifesta de forma pessoal, histórica e, ao mesmo tempo, cósmica, revelando-se no âmbito da criação sem, no entanto, perder sua transcendência invisível. Desse modo, o ser humano é chamado a participar da natureza divina, o que confere à sua existência uma dimensão escatológica.³ Embora a razão humana seja capaz de alcançar certo conhecimento de Deus, é somente por meio da Revelação pessoal que o homem pode conhecer os desígnios de sua salvação, isto é, as verdades que Deus, por iniciativa livre, quis comunicar à humanidade.⁴

Essa Revelação é transmitida na história por meios concretos. A *Dei Verbum* explicita que essa comunicação de Deus à humanidade se perpetua de modo vivo e eficaz através da Sagrada Escritura e da Tradição oral viva da Igreja. Deus, ao revelar-se, não apenas falou de uma vez por todas, mas continua falando por meio desses dois canais inseparáveis. Como afirma o mesmo documento conciliar:

Isto foi realizado com fidelidade, tanto pelos Apóstolos que, na sua pregação oral, exemplos e instituições, transmitiram aquilo que tinham recebido dos lábios, trato e obras de Cristo, e o que tinham aprendido por inspiração do Espírito Santo, como por aqueles Apóstolos e varões apostólicos que, sob a inspiração do mesmo Espírito Santo, escreveram a mensagem da salvação. [...] esta sagrada Tradição e a Sagrada Escritura dos dois Testamentos são como um espelho no qual a Igreja peregrina na

² “Aproveu a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cfr. Ef. 1,9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina (cfr. Ef. 2,18; 2 Ped. 1,4). Em virtude desta revelação, Deus invisível (cfr. Col. 1,15; 1 Tim. 1,17), na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos (cfr. Ex. 33, 11; Jo. 15,14-15) e convive com eles (cfr. Bar. 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele. Esta «economia» da revelação realiza-se por meio de acções e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido. Porém, a verdade profunda tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, manifesta-se-nos, por esta revelação, em Cristo, que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação (2).” DV 2.

³ PIAZZA, W., A Revelação Cristã na Constituição Dogmática *Dei Verbum*, p. 40.

⁴ “Pela revelação divina quis Deus manifestar e comunicar-se a Si mesmo e os decretos eternos da Sua vontade a respeito da salvação dos homens, «para os fazer participar dos bens divinos, que superam absolutamente a capacidade da inteligência humana» (6). O sagrado Concílio professa que Deus, princípio e fim de todas as coisas, se pode conhecer com certeza pela luz natural da razão a partir das criaturas» (cfr. Rom. 1,20); mas ensina também que deve atribuir-se à Sua revelação «poderem todos os homens conhecer com facilidade, firme certeza e sem mistura de erro aquilo que nas coisas divinas não é inacessível à razão humana, mesmo na presente condição do género humano» (7).” DV 6.

terra contempla a Deus, de quem tudo recebe, até ser conduzida a vê-lo face a face tal qual Ele é.⁵

Nisso consiste a autocomunicação divina, plena em Cristo, que se prolonga na história por meio da Sagrada Tradição e da Sagrada Escritura.⁶ Ambas procedem da mesma fonte divina, comunicando a Palavra de Deus de modo inseparável: a Escritura como Palavra inspirada e a Tradição como sua transmissão viva na Igreja. A Revelação, portanto, não se encerra com os textos sagrados, mas permanece viva na fé transmitida pelos Apóstolos e preservada sob a ação do Espírito Santo. Libanio, ao comentar sobre a revelação, destaca que o cristianismo é justamente uma religião de revelação, sem a qual não deixamos os dados na nossa fé. Essa Revelação se manifesta ao longo da história, na qual Deus fala na criação, depois aos patriarcas, aos profetas e, por fim, até plenitude em seu Filho. Essa comunicação foi transmitida até os dias atuais por meio da Tradição oral e dos textos sagrados:

O cristianismo é uma religião da revelação e do livro. Fundamenta-se na manifestação de Deus na história, através do povo de Israel e, de maneira a última e definitiva em Jesus Cristo. Este dado revelado foi transmitido oralmente e consignado por escrito por uma comunidade que reconheceu nesta tradição e escritos uma comunicação única e original de Deus.⁷

Nesse contexto, compreende-se que a Sagrada Escritura ocupa um lugar singular como norma viva e permanente da fé da Igreja, pois nela se encontra o testemunho inspirado da autocomunicação de Deus. Como afirma Karl Rahner, “a Escritura é a objetivação normativa para nós da Igreja da era apostólica [...] Por isso essa Escritura possui o caráter e as peculiaridades próprios desta Igreja em sua relação com os tempos futuros da Igreja”⁸.

A normatividade da Sagrada Escritura somente pode ser compreendida plenamente em sua íntima relação com a Tradição viva da Igreja, de onde provém e com a qual permanece em contínuo diálogo. Tal unidade orgânica requer a mediação do Magistério, cuja missão é interpretar autenticamente a Palavra de Deus.⁹ Dessa maneira, a Revelação divina continua viva e operante na Igreja por meio da ação convergente da Escritura, da Tradição e do Magistério, garantindo sua fiel transmissão e atualizada ao longo da história. Essa dinâmica é fundamental para

⁵ DV 7.

⁶ DV 9.

⁷ LIBÂNIO, J. B., Teologia da Revelação a partir da Modernidade, p. 17.

⁸ RAHNER, K., Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo, p. 432-433.

⁹ DV 10.

reconhecer que a Revelação se realiza concretamente na história da salvação, tal como narrada nas Escrituras, nas quais Deus age de modo progressivo, revelando-se por meio de eventos e palavras que culminam na pessoa de Jesus Cristo.¹⁰

A Revelação, como é possível notar, constitui uma iniciativa pedagógica e amorosa de Deus, mediante a qual Ele se comunica, e o ser humano responde em liberdade e fê.¹¹ Deus cria conferindo existência a todas as coisas; pela sua Palavra (*Dabar*), temos o relato da criação, no início do livro do Gênesis, onde vemos que a comunicação de Deus gera vida.¹² A comunicação, embora mediada por instrumentos humanos, carrega em si a iniciativa divina para que o Seu amor e Sua salvação sejam alcançados. Essa comunicação assume os elementos culturais e linguísticos do povo de Israel para comunicar sua vontade e preparar o coração humano para a plenitude da revelação em Cristo.¹³ Deus se revela por meio de eventos, promessas, alianças e palavras pronunciadas pelos profetas, de modo progressivo e histórico — dinâmica que se manifesta claramente no contexto do Antigo Testamento.

Nos relatos veterotestamentários, percebe-se que Deus, em todos os tempos e por diversas formas, busca comunicar-se com o seu povo — seja para revelar preceitos, instituir leis ou transmitir profecias — resultando numa comunicação contínua e progressiva dentro da economia da salvação¹⁴. Com Abraão, por exemplo, Deus se comunica por meio de um chamado que inaugura a história da aliança (Gn 12,1-3). Com Jacó, essa comunicação ocorre por meio do sonho em Betel (Gn 28,12-15). A vocação de Moisés diante da sarça ardente revela a compaixão e missão divina (Ex 3,4-10). No Sinai, Deus entrega os mandamentos por meio de Moisés (Ex 19,9-20). Em Dt 30,11-14, a Palavra torna-se próxima e

¹⁰ ALTEMEYER JR., F.; BOMBONATTO, V. I., Teologia e Comunicação: Corpo, Palavra e Interfaces Cibernéticas, p. 106-107.

¹¹ “A revelação em seu conhecimento se baseia, portanto, em uma dupla mediação: a partir de Deus, quando sua imediatez acontece na mediação histórica; e a partir do ser humano, quando, por meio da mediação realizada pelo próprio Deus, pode alcançar a imediatez de Deus como pessoa.”. MÜLLER, G. L., Dogmática Católica: teoria e prática da teologia, p. 48.

¹² “Na criação a palavra pronunciada é também uma intervenção. Deus fala intervém o caos, organizou e chama os seres a existência tirando os Do Nada. E os seres recebem do criador o dom de estar em relação comunicativa consigo mesmo, com os outros e com o próprio Deus” ALTEMEYER JR., F.; BOMBONATTO, V. I., Teologia e Comunicação: Corpo, Palavra e Interfaces Cibernéticas. p. 107-108.

¹³ ALTEMEYER JR., F.; BOMBONATTO, V. I., Teologia e Comunicação: Corpo, Palavra e Interfaces Cibernéticas, p.111.

¹⁴ ZANON, D., Comunicar o Evangelho: Panorama Histórico do Magistério da Igreja sobre a Comunicação, p. 24.

interior ao povo. A aliança com Davi reafirma a promessa de fidelidade (2Sm 7,4-17), enquanto os profetas, como Jeremias (Jr 1,4-9) e Isaías (Is 6,8-9), mostram que a revelação exige escuta e prontidão.

Essa intervenção de Deus é um encontro com alguém que fala e outro que escuta, o homem que escuta pela fé e responde pela obediência, Lattorelle, falando sobre a revelação no Antigo Testamento afirma “traçar, pois, a história da palavra de Deus é traçar ao mesmo tempo a história da revelação”¹⁵ Essa história de diálogo revela uma pedagogia divina que ao íntimo do homem, inicia na criação até para a plenitude da revelação em Cristo, isto é, inicia-se com a Palavra criadora que comunica a vida e culmina com a Palavra encarnada, o Verbo feito carne¹⁶.

2.2

Jesus Cristo, o Verbo Encarnado: Modelo de Comunicação

Jesus é o ápice da comunicação de Deus com a humanidade, o verbo que já existia antes de todos os tempos se encarnou (Jo 1,1-4)¹⁷, a fim de que todas as coisas criadas por meio dele pudessem existir (Col 1,15-16)¹⁸. O Verbo eterno do Pai foi enviado para iluminar todos os homens, participar da sua vida terrena e, assim, manifestar a vida íntima de Deus¹⁹, ou seja, comunicar os bens divinos da graça e da redenção.²⁰ A encarnação do Verbo, como expressa o mesmo Prólogo “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14), constitui o primor da autorrevelação divina e o fundamento da teologia da comunicação. Na exortação apostólica *Verbum Domini*, Bento XVI afirma que “o Verbo eterno, que se fez carne, entrou no tempo, fez-se homem e, com a linguagem da sua existência terrestre, fez ressoar a Palavra eterna de Deus”²¹. Nesse sentido, a encarnação revela-se como paradigma supremo da comunicação: Deus comunica-se não apenas por palavras, mas por sua presença pessoal em Cristo. Essa dimensão da encarnação como comunicação do Verbo foi reafirmada também na mensagem de Bento XVI para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais, onde o sacerdote, por ser homem de

¹⁵ LATOURELLE, R., Teologia da Revelação, p. 13-15.

¹⁶ LATOURELLE, R., Teologia da Revelação, p. 13-15.

¹⁷ “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens”.

¹⁸ “Ele é a Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura, porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis[...]”

¹⁹ DV 4.

²⁰ PIAZZA, W., A Revelação Cristã na Constituição Dogmática Dei Verbum, p. 42.

²¹ BENTO XVI, PP., Verbum Domini, n. 11.

Deus, está em condições de utilizar os meios de comunicação social para oferecer a todos os homens e mulheres de boa vontade a Palavra de Deus que salva²². Jesus Cristo, o Verbo feito carne, é o modelo pleno de toda forma de comunicação teológica, pessoal e evangelizadora. Ele deve ser o modelo para toda a Igreja.

O Verbo feito carne, é o modelo pleno de toda forma de comunicação teológica, pessoal e evangelizadora. Essa realidade está intimamente ligada ao mistério trinitário, onde a comunicação é expressão do amor eterno entre o Pai, o Filho e o Espírito. Como afirma Bento XVI: “[...] o mistério trinitário: em Deus, uno e trino, há um intercâmbio eterno de amor entre as pessoas do Pai e do Filho, e este amor não é uma energia ou um sentimento, mas uma pessoa, é o Espírito Santo.”²³. No Filho encarnado, esse amor trinitário torna-se visível e acessível. Jesus comunica aos homens a própria vida da Trindade, revelando um mistério que até então permanecia oculto no silêncio da eternidade. O Papa Francisco expressa essa ideia no seu discurso para os funcionários do dicastério da comunicação, onde a paixão de Deus é comunicar-se, Ele comunica-se sempre: com o Filho no Espírito, e depois conosco²⁴. Esta autocomunicação divina é o fundamento da missão cristã: como destaca Leomar de Jesus, “a comunicação trinitária é fonte e paradigma para a comunicação humana”²⁵. A oração de Cristo, “que eles estejam em nós” (Jo 17,21) manifesta esse desejo profundo de inclusão da humanidade na comunhão do Deus Uno e Trino, revelada e comunicada por Cristo.

Isso demonstra que Deus não quis se limitar somente à Palavra para comunicar o Seu amor divino; ao contrário, quis armar Sua tenda no meio dos homens através do Seu Filho. Cristo é a presença do Deus invisível no meio da humanidade, Ele é o *eicon* (ícone, imagem) desse Deus; Nele, a Palavra se torna imagem (corpo), a escuta se torna visão.²⁶ Seu modo de comunicar por meio de parábolas, gestos concretos e escuta atenta representa um modelo singular e autêntico de comunicação plena. Como afirma o Papa Francisco, “Ficamos admirados com os recursos empregues pelo Senhor para dialogar com o seu povo, revelar o seu mistério a todos, cativar a gente comum com ensinamentos tão elevados e

²² BENTO XVI, PP., Mensagem para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 24 jan. 2010.

²³ BENTO XVI, PP., Mensagem para a XXII jornada mundial da juventude, 1 de Abril. 2007.

²⁴ FRANCISCO, PP., Discurso aos funcionários do Dicastério para a Comunicação, 23 set. 2019.

²⁵ JESUS, L. N., Trindade: paradigma para a comunicação humana, p. 279.

²⁶ ZANON, D., Comunicar o Evangelho: Panorama Histórico do Magistério da Igreja sobre a Comunicação, p. 24.

exigentes”²⁷, ou seja, Sua comunicação não era unilateral, mas envolvia atenção à realidade concreta do outro, sensibilidade e compaixão. A parábola do semeador (Lc 8,4-15) expressa essa dinâmica comunicativa: a Palavra semeada encontra acolhida ou resistência, conforme o terreno interior de quem a escuta. Jesus descreve quatro tipos de solo, representando diferentes disposições do coração humano diante da mensagem divina. Essa narrativa revela que a comunicação do Reino exige não apenas o anúncio, mas a escuta responsável, o acolhimento perseverante e a fecundidade espiritual que transforma a vida do discípulo. Como ressalta Claiton Kunz:

Com todos estes propósitos em vistas, Jesus usou o método de ensino parabólico estrategicamente, formulando cada detalhe das narrativas com precisão e um foco bem definido, a fim de que cada ouvinte pudesse ser atraído, despertado, confrontado, impactado e transformado, caso abrisse o coração para as verdades reveladas, dos mistérios do Reino de Deus.²⁸

Com a encarnação do Verbo o contato da fé comunicacional se torna algo corpóreo, algo que acontece no cotidiano, e está acessível a todos.²⁹ Suas pregações, suas atitudes, falaram de forma profunda que surpreendia a todos, “Jamais um homem falou assim!” (Jo 7,46), isso porque sua comunicação não era um externar de ideias vazias, ou meros sentimentos, e sim, uma profunda doação de si e através dela ele manifestava a sua relação única com o Pai.³⁰ Toda a sua comunicação foi ela salvífica. Nisto consiste um modelo essencial para o ministério presbiteral, que é chamado a participar do mesmo dinamismo da comunicação salvífica de Cristo. Nesse sentido, a comunicação do presbítero não é simplesmente transmissora de conteúdo doutrinal, mas lugar de encontro, de escuta e de mediação da experiência salvífica do Evangelho. O Papa Francisco, em discurso ao Simpósio Internacional sobre Teologia do Sacerdócio, afirma:

Quando caímos no funcionalismo, quando tudo é organização pastoral e nada mais, isto não atrai de maneira alguma; mas quando há o padre ou a comunidade que tem o tal fervor cristão, batismal, então há a atração de novas vocações. [...] O sacerdote

²⁷ EG 141.

²⁸ KUNZ, C. A., *As parábolas de Jesus: uma estratégia de comunicação dos princípios do Reino de Deus*, p. 37.

²⁹ ALTEMEYER JR., F.; BOMBONATTO, V. I., *Teologia e Comunicação: Corpo, Palavra e Interfaces Cibernéticas*, p.114.

³⁰ ALTEMEYER JR., F.; BOMBONATTO, V. I., *Teologia e Comunicação: Corpo, Palavra e Interfaces Cibernéticas*, p. 114 -115.

é convidado, antes de mais nada, a cultivar esta proximidade, a intimidade com Deus, e desta relação poderá haurir todas as forças necessárias para o seu ministério.³¹

Sua linguagem não verbal, repleta de compaixão e autoridade, revela o coração do Pai de maneira acessível e transformadora. No episódio da cura da mulher com hemorragia, por exemplo, o simples toque em seu manto foi suficiente para que dela brotasse a cura. “Filha, a tua fé te salvou. Vai em paz e fica curada do teu mal” (Mc 5,25-34), declara Jesus, revelando que sua comunicação envolve presença e uma escuta que acolhe mesmo no silêncio. Essa forma de comunicar alcança não só o corpo, mas também a alma da pessoa, resgatando-a integralmente.

A cruz, nesse sentido, é o ápice dessa linguagem silenciosa e sacrificial. Sem palavras, o Crucificado proclama a mais plena expressão do amor divino, como afirma Hans Urs von Balthasar: “El Cristo crucificado es la forma plena de la revelación de Dios, porque en ella se consuma la comunicación total de Dios al hombre”³². Na cruz, o Verbo encarnado comunica até o fim sua entrega, tornando-se o ícone visível do Deus invisível (Cl 1,15), e revelando que a comunicação salvífica é uma doação radical de si. O Cristo que cura com um olhar e salva com um toque é o mesmo que redime com sua entrega total, em silêncio, no madeiro.

Essa compreensão encontra ressonância no magistério da Igreja, que reconhece na comunicação não apenas um meio, mas uma dimensão ontológica de sua identidade, a comunicação é uma dimensão constitutiva da identidade e da missão da Igreja³³. Como Cristo, também o presbítero, configurado ao Verbo encarnado, é chamado a comunicar com a totalidade de sua vida — com suas palavras, suas ações, sua escuta e, sobretudo, com sua presença.

2.3

A comunicação na origem da missão da Igreja

A conexão da Igreja com a comunicação, de fato, vem desde do pedido de Jesus aos seus discípulos após a sua ressurreição “ide por todo o mundo proclamai o evangelho a toda criatura” (Mc16,15). Contudo, segundo Darlei Zanon, é no dia de pentecostes (At 2,1-11), quando Espírito Santo é comunicado aos apóstolos, é

³¹ FRANCISCO, PP., Discurso no Simpósio Internacional “Para uma teologia fundamental do sacerdócio”, 17 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/february/documents/20220217-simposio-teologia-sacerdozio.html>>.

³² BALTHASAR, H. U. V., Gloria: La percepción de la forma, p. 565.

³³ CNBB, Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, n. 11.

que assim podemos considerar o ponto de partida para o primeiro período da comunicação da Igreja:

O Pentecostes é o símbolo maior da comunicação universal que a Igreja está chamada a concretizar. Enviado a todos, por isso deve falar todas as línguas e linguagens hoje especialmente a digital. Podemos considerar o Pentecostes como ponto de partida para este primeiro período da comunicação da igreja pois ele é o ponto de contraposição da Torre de Babel simbolicamente um momento inicial da divisão da humanidade e origem da comunicação. No Pentecostes, Cristo convoca todos a comunhão a estabelecer aquela unidade essencial que existia antes de Babel.³⁴

Ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem (At 2,4), sinal visível da universalidade do anúncio cristão. O Concílio Vaticano II reafirma esse encargo apostólico na constituição apostólica *Dei Verbum*, afirmando o pedido de Cristo dos apóstolos pregassem o evangelho:

Cristo Senhor, em quem toda a revelação do Deus altíssimo se consuma, mandou aos Apóstolos que pregassem a todos[...] o Evangelho prometido antes pelos profetas e por Ele cumprido e promulgado pessoalmente, comunicando-lhes assim os dons divinos.³⁵

Após essa grande epifania que os apóstolos receberam, eles iniciam o processo de anúncio da Palavra Deus. Até então eles se encontravam de portas fechadas, mas após esse fato eles devem anunciar a boa nova do Reino de Deus. O termo *εὐαγγέλιον* (*euangélion*), de origem grega, significa “boa nova”, e é essa a mensagem central que eles têm a responsabilidade de anunciar, pois, apóstolo significa enviado, assim eles seguem o pedido de Cristo “mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém em toda a Judéia e Samaria e até os confins da Terra” (At 1,8).³⁶ A missão confiada aos apóstolos não se restringe a um contexto local, massa todos os povos. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação que vai além da simples transmissão de informações, ela tem o poder de transformar vidas, edificar comunidades e gerar verdadeira comunhão, e principalmente, levar a salvação de Cristo a todos.

³⁴ ZANON, D., Comunicar o Evangelho: Panorama Histórico do Magistério da Igreja sobre a Comunicação, p. 26.

³⁵ DV 7.

³⁶ ZANON, D., Comunicar o Evangelho: Panorama Histórico do Magistério da Igreja sobre a Comunicação, p. 26.

Dando continuidade à missão confiada por Cristo aos apóstolos de fazer discípulos e ensinar a observar os seus mandamentos (Mt 28,19-20) — os primeiros cristãos, particularmente os Padres da Igreja, desempenharam papel essencial na consolidação da comunicação da fé nos primeiros séculos.³⁷ Embora não tivessem conhecido pessoalmente Jesus, estes homens e mulheres estavam profundamente ligados à tradição apostólica, recebendo diretamente dos apóstolos ou de seus sucessores o depósito da fé, o qual transmitiram com zelo às comunidades em crescimento.

Essa continuidade missionária não se deu apenas pela pregação oral, mas também por meio da redação de textos catequéticos, apologéticos, litúrgicos e teológicos, que expressavam e aprofundavam os mistérios da fé cristã. Podemos trazer como destaque, como continuidade missionária, a celebração eucarística como elemento central e salvífico da comunicação da Igreja. Para os primeiros cristãos, a liturgia não era apenas um rito, mas um verdadeiro espaço de encontro com Cristo ressuscitado, no qual se tornava visível a comunhão com Deus e entre os irmãos.³⁸ Justino Mártir, em sua Primeira Apologia, escrita por volta do ano 150, apresenta uma das descrições mais antigas da celebração eucarística, enfatizando seu caráter comunicativo e soteriológico onde vemos a compreensão que a Eucaristia era vista como momento privilegiado de comunicação da graça e da verdade revelada:

Este alimento se chama entre nós Eucaristia, da qual ninguém pode participar, a não ser que creia serem verdadeiros nossos ensinamentos e se lavou no banho que traz a remissão dos pecados e a regeneração e vive conforme o que Cristo nos ensinou. De fato, não tomamos essas coisas como pão comum ou bebida ordinária, mas da maneira como Jesus Cristo, nosso Salvador, feito carne por força do Verbo de Deus, teve carne e sangue por nossa salvação, assim nos ensinou que, por virtude da oração ao Verbo que procede de Deus, o alimento sobre o qual foi dita a ação de graças — alimento com o qual, por transformação, se nutrem nosso sangue e nossa carne — é a carne e o sangue daquele mesmo Jesus encarnado.³⁹

³⁷ ZANON, D., *Comunicar o Evangelho: Panorama Histórico do Magistério da Igreja sobre a Comunicação*, p. 39-41.

³⁸ “A liturgia não é um espetáculo (teatro) ao qual os cristãos vão assistir, mas um verdadeiro momento de encontro e diálogo. Uma ocasião propícia para se partilhar: a comida, a vida, os pensamentos, os sentimentos, os anseios, as dificuldades etc. Momento de profunda comunicação.” ZANON, D., *Comunicar o Evangelho: Panorama Histórico do Magistério da Igreja sobre a Comunicação*, p. 41.

³⁹ JUSTINO DE ROMA, 1ª e 2ª Apologias, p. 82.

Da mesma forma, a *Didaquê*, considerada um dos primeiros escritos cristãos pós-apostólicos, orienta as comunidades, tal recomendação reforça que a assembleia litúrgica é, desde os primórdios, uma ação comunicativa na qual a fé se transmite, se fortalece e se celebra comunitariamente, numa unidade entre anúncio, escuta, perdão e vivência do Evangelho.

Reuni-vos no dia do senhor para a fração do bom e agradei vozes (celebrai a eucaristia), depois de haverdes confessado os vossos pecados, para que o vosso sacrifício seja puro. Mas todo aquele que vive em discórdia com outro não se junte a voz antes de ser reconciliado, a fim de que o vosso sacrifício não seja profanado.⁴⁰

Essa dinâmica comunicativa da Igreja é, de fato, constitutiva de sua identidade e missão. O Concílio Vaticano II expressa essa realidade na constituição *Lumen Gentium*: “A Igreja é, em Cristo, como que o sacramento, ou seja, o sinal e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”⁴¹. A missão comunicativa da Igreja, portanto, não é secundária, mas estrutural: comunicar a salvação realizada por Cristo a todos os povos é parte essencial do seu ser. Ao fazer-se sacramento, a Igreja torna-se sinal eficaz dessa salvação e canal por onde a graça é comunicada às pessoas em todas as culturas e tempos.⁴²

Essa missão comunicativa, que se iniciou no evento pascal e no Pentecostes, desenvolveu-se na vida eclesial ao longo dos séculos, alcançando especial ênfase nos primeiros escritos patrísticos e na prática litúrgica comunitária. Como observa Martiello, a assembleia litúrgica é o lugar por excelência da comunicação entre Deus e o povo, e nela a participação ativa manifesta uma eclesiologia de comunhão⁴³. Desse modo, a comunicação da fé se efetiva não apenas no conteúdo verbal, mas no testemunho litúrgico que envolve o corpo e a alma da comunidade cristã.

Nesse mesmo sentido, o Papa Paulo VI, na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, ressalta que a evangelização “é, ao mesmo tempo, anúncio, catequese, comunicação de verdades evangélicas, mas também testemunho, vida e comunhão”⁴⁴. A missão da Igreja é comunicar integralmente — com palavras, sinais, ações e estruturas — a mensagem salvadora de Cristo.

⁴⁰ DIDACHÉ: catecismo dos primeiros cristãos, n. 14.

⁴¹ LG 1.

⁴² CEC 851.

⁴³ MARTIELO, E., A participação ativa na liturgia: um traçado histórico.

⁴⁴ PAULO VI, PP., *Evangelii Nuntiandi*: Exortação Apostólica sobre a Evangelização no Mundo Atual, n. 22.

Portanto, a missão comunicativa da Igreja é intrínseca à sua identidade e estrutura, pois comunicar a salvação realizada por Cristo é parte essencial de sua existência enquanto sacramento universal da salvação. O Catecismo da Igreja afirma que ela é enviada por Deus como instrumento da redenção, incumbida de anunciar o Evangelho a todos os povos⁴⁵. De igual modo, o Papa João Paulo II recorda que a Igreja, sendo missionária por natureza, participa da missão do Filho e do Espírito Santo conforme o desígnio salvífico do Pai⁴⁶. O Papa Francisco, em continuidade, destaca que comunicar a fé é tornar presente a proximidade de Deus, que em Cristo se revelou⁴⁷. Essa vocação exige uma pedagogia comunicativa encarnada na linguagem, na presença e no testemunho dos que anunciam⁴⁸. Nesse contexto, torna-se indispensável refletir sobre como essa missão se concretiza na formação dos presbíteros, chamados a serem comunicadores autênticos da Palavra e da comunhão eclesial.

⁴⁵ CEC 849.

⁴⁶ JOÃO PAULO II, PP., *Redemptoris Missio*: Carta Encíclica sobre a permanente validade do mandato missionário, n. 11.

⁴⁷ FRANCISCO, PP., Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html.

⁴⁸ CNBB, Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil n. 92.

3

Magistério, Formação Presbiteral e Configuração Comunicativa

3.1

Magistério da Igreja sobre a Comunicação

Durante um longo período, a Igreja manteve certa distância em relação à reflexão mais aprofundada sobre os meios de comunicação e seu potencial como instrumentos a serviço da evangelização.⁴⁹ Com o passar do tempo, no entanto, foi gradualmente reconhecendo que o anúncio da fé exige também a atenção às formas e linguagens que permeiam a vida social. Essa conscientização possibilitou uma releitura da própria missão comunicativa da Igreja à luz do modo como Cristo anunciou o Reino.⁵⁰

A partir da invenção da imprensa por Gutenberg, inicia-se uma transformação significativa na circulação das informações, marcando o início de uma nova era comunicacional.⁵¹ Diante desse cenário, tornou-se necessário que a Igreja assumisse uma postura renovada: a comunicação, antes compreendida como expressão de comunhão, passou a ser também difusão de dados e informação. Essa mudança de paradigma exigiu da Igreja não apenas uma nova sensibilidade pastoral, mas uma reflexão teológica mais sistemática sobre os meios de comunicação como espaços legítimos de evangelização.⁵²

A missão da Igreja passa, fundamentalmente, por comunicar a fé. Anunciar o Evangelho não se resume a transmitir informações, mas envolve compartilhar uma experiência que transforma pessoas e comunidades. Como Jesus afirmou: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres” (Lc 4,18). Essa missão revela que comunicar o Reino de Deus é um gesto de amor que valoriza a dignidade humana e convoca todos à comunhão. Os documentos do Magistério da Igreja, especialmente a partir do Concílio Vaticano

⁴⁹ ZANON, D., Comunicar o Evangelho: Panorama Histórico do Magistério da Igreja sobre a Comunicação, p. 17-18

⁵⁰ ZANON, D., Comunicar o Evangelho: Panorama Histórico do Magistério da Igreja sobre a Comunicação, p. 19-20

⁵¹ ZANON, D., Comunicar o Evangelho: Panorama Histórico do Magistério da Igreja sobre a Comunicação, p. 55.

⁵² ZANON, D., Comunicar o Evangelho: Panorama Histórico do Magistério da Igreja sobre a Comunicação, p. 57.

II, trazem orientações importantes sobre como comunicar a fé hoje. Eles destacam os desafios e as possibilidades da evangelização, reforçando a necessidade de uma comunicação que seja fiel ao Evangelho e que também saiba dialogar com as linguagens e realidades do nosso tempo. Essas orientações são fundamentais para a formação do presbítero e sua atuação pastoral. Muitos são os documentos e cartas pastorais que tratam da temática da comunicação na Igreja. No entanto, opta-se aqui por destacar apenas aqueles que constituem as principais instruções pastorais do Magistério e que abordam diretamente esse tema.

Mesmo antes do Concílio Vaticano II, a Igreja já começava a demonstrar sinais de uma nova abertura quanto à compreensão da comunicação e ao reconhecimento de sua importância para a missão evangelizadora. O Papa Leão XIII, na encíclica *Immortale Dei* (1885), incentivava dioceses a adotarem meios de comunicação próprios e sacerdotes a atuarem na imprensa com conteúdo confiáveis⁵³. A partir desse impulso, a Igreja começou a perceber que os meios de comunicação poderiam ser aliados no anúncio do Reino. Posteriormente, o Papa Pio XI aprofundou essa visão em documentos como *Vigilanti Cura* (1936), alertando sobre os riscos morais do cinema e convocando os católicos à atuação nos meios de comunicação, além de declarar São Francisco de Sales patrono dos jornalistas na encíclica *Rerum Omnium* (1923). Com Pio XII, essa atenção se intensificou na encíclica *Miranda Prorsus* (1957), que ofereceu uma reflexão mais ampla e integrada sobre os meios de comunicação, estabelecendo bases importantes para as discussões do Concílio⁵⁴.

A partir da visão presente nos magistérios anteriores, o Concílio Vaticano II representa um passo decisivo ao consolidar uma compreensão mais abrangente sobre a comunicação na vida e missão da Igreja. Nesse contexto, o magistério conciliar reafirma a continuidade da fé, propondo que ela seja vivida e anunciada de maneira renovada diante das transformações do mundo contemporâneo⁵⁵. Um marco dessa nova postura é o decreto *Inter Mirifica*, considerado por muitos autores

⁵³ ZANON, D., Comunicar o Evangelho: Panorama Histórico do Magistério da Igreja sobre a Comunicação, p. 63.

⁵⁴ ZANON, D., Comunicar o Evangelho: Panorama Histórico do Magistério da Igreja sobre a Comunicação, p. 67.

⁵⁵ “O Concílio não excogitou nada de novo em matéria de fé, nem quis substituir aquilo que existia antes. Pelo contrário, preocupou-se em fazer com que a mesma fé continue a ser vivida no presente, continue a ser uma fé viva em um mundo em mudança”. BENTO XVI, PP., Homilia Santa missa para a abertura do ano da fé, 11 out. 2012.

como um ponto de virada na abordagem eclesial da comunicação. Segundo Zanon, o documento “consagra” a comunicação na Igreja, ao reconhecer nela um novo modo de evangelizar, oficializando um “apostolado eclesial, ou seja, como verdadeira pregação ao lado da pregação oral tradicional”. O decreto destaca ainda que todos os membros da Igreja são chamados a se adaptar às novas formas de comunicar, reconhecendo nelas instrumentos providenciais, oferecidos por Deus, para o anúncio eficaz do Evangelho⁵⁶.

Nessa perspectiva apresentada no próêmio do *Inter Mirifica*, percebe-se que a Igreja compreende a comunicação não apenas como transmissão de informações, mas como um meio de ligação profunda entre as pessoas — uma interação que envolve corpo e alma, diante da realidade concreta. Trata-se de um processo relacional que atravessa todas as dimensões da vida humana: família, trabalho, escola, comunidade eclesial. Em outras palavras, a comunicação é entendida como um caminho de comunhão entre os seres humanos⁵⁷. Consequentemente, o decreto, afirma que os meios de comunicação podem ser instrumentos valiosos para a propagação do Reino de Deus, mas também podem se tornar causa de decadência moral e espiritual, caso sejam mal utilizados:

A mãe Igreja sabe que estes meios, rectamente utilizados, prestam ajuda valiosa ao género humano, enquanto contribuem eficazmente para recrear e cultivar os espíritos e para propagar e firmar o reino de Deus; sabe também que os homens podem utilizar tais meios contra o desígnio do Criador e convertê-los em meios da sua própria ruína; mais ainda, sente uma maternal angústia pelos danos que, com o seu mau uso, se têm infligido, com demasiada frequência, à sociedade humana.⁵⁸

A comunicação só se torna verdadeiramente cristã quando alcança a realidade concreta do ser humano e promove encontros que aproximam as pessoas do amor de Cristo⁵⁹. O decreto *Inter Mirifica* reconhece como um direito natural da Igreja o uso e a administração dos meios de comunicação, visto que fazem parte essencial de sua missão de anunciar o Evangelho a todos os povos. Nesse sentido, comunicar

⁵⁶ “Entre as maravilhosas invenções da técnica que, principalmente nos nossos dias, o engenho humano extraiu, com a ajuda de Deus, das coisas criadas, a santa Igreja acolhe e fomenta aquelas que dizem respeito, antes de mais, ao espírito humano e abriram novos caminhos para comunicar facilmente notícias, ideias e ordens. Entre estes meios, salientam-se aqueles que, por sua natureza, podem atingir e mover não só cada um dos homens mas também as multidões e toda a sociedade humana, como a imprensa, o cinema, a rádio, a televisão e outros que, por isso mesmo, podem chamar-se, com toda a razão meios de comunicação social”. IM 1.

⁵⁷ PUNTEL, J. T., *Inter Mirifica*: texto e comentário, p. 48.

⁵⁸ IM 2.

⁵⁹ EG 87.

torna-se um instrumento para promover o encontro com Deus, e, por isso, integra-se à dinâmica da salvação humana⁶⁰. Assim, o documento afirma: “compete, porém, aos sagrados pastores o dever de instruir e de dirigir os fiéis de modo que estes, servindo-se dos ditos meios, alcancem a sua própria salvação e perfeição, assim como a de todo o género humano”⁶¹. Com o aprofundamento das reflexões promovidas pelo Concílio Vaticano II, os meios de comunicação passaram a ser compreendidos como parte integrante da ação evangelizadora da Igreja, que orienta tanto o clero quanto os fiéis leigos a utilizá-los de forma consciente e pastoral⁶². Cabe aos pastores, não apenas discernir os conteúdos e linguagens adequadas, mas também animar os fiéis a se tornarem agentes de evangelização nos novos ambientes comunicativos.⁶³ A missão de comunicar a fé, portanto, exige um discernimento ético, sensibilidade pastoral e preparação adequada, especialmente dos ministros ordenados, para que os meios não sejam utilizados apenas como instrumentos funcionais, mas como prolongamento da presença evangelizadora da Igreja no mundo contemporâneo.

Alguns anos depois, já no período pós-concílio, temos como fruto da *Inter Mirifica* a Instrução Pastoral *Communio et Progressio*, de Paulo VI, publicado em 1971. Esse documento se distingue do documento conciliar ao tratar sobre a comunicação de um aspecto mais pastoral, mas sem tirar seu aspecto doutrinal. Ele é dividido em três partes: a primeira que traz elementos doutrinas sobre a comunicação social na perspectiva da Igreja; a segunda as condições que os meios de comunicação sociais contribuem para o progresso humano; e a terceira que é o papel dos meios de comunicação na vida dos católicos. Ele traduz o que o concílio quis iniciar sobre a Igreja, ser protagonista e mestra dos meios de comunicação, por motivo de, Cristo, perfeito comunicador, nos unir a Deus por meio da Eucaristia e do Espírito; na Igreja, seu Corpo Místico, caminhamos rumo à comunhão plena, quando “Deus for tudo em todos”⁶⁴. Por este motivo o documento faz uma analogia:

⁶⁰ “A Igreja católica, fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo para levar a salvação a todos os homens, e por isso mesmo obrigada a evangelizar, considera seu dever pregar a mensagem de salvação, servindo-se dos meios de comunicação social, e ensina aos homens a usar rectamente estes meios. À Igreja, pois, compete o direito nativo de usar e de possuir toda a espécie destes meios, enquanto são necessários ou úteis à educação cristã e a toda a sua obra de salvação das almas”. IM 3.

⁶¹ IM 3.

⁶² BRESSANI, V., A comunicação presbiteral da Igreja Católica no Brasil, p. 28.

⁶³ BENTO XVI, PP., Mensagem para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 24 jan. 2010.

⁶⁴ CP 11.

da mesma forma que Cristo foi modelo perfeito de comunicação e os apóstolos, seus sucessores, tiveram que usar os meios da sua época para anunciar o evangelho e ser luz das nações, assim também deve ser o apostolado atual da Igreja, usar os meios atuais de comunicação para melhor anunciar o Reino de Deus⁶⁵.

Communio et Progressio ressalta que futuros sacerdotes e religiosos devem compreender como a comunicação influencia a vida social e a formação das ideias, para não estarem despreparados no ministério. Esse conhecimento é parte essencial da formação, pois ajuda o futuro ministro a anunciar a Palavra de Deus de maneira encarnada e eficaz, levando em conta o contexto das pessoas a quem são enviados.

Durante a sua formação, os futuros sacerdotes, religiosos e religiosas devem conhecer a incidência dos meios de comunicação na sociedade, bem como a sua técnica e uso, para que não permaneçam alheios à realidade, e não cheguem desprevenidos ao ministério apostólico que lhes será entregue. Tal conhecimento faz parte integrante da sua formação; é condição sem a qual não é possível exercer um apostolado eficaz na sociedade de hoje, caracterizada, como está, pelos meios de comunicação. Por isso, é necessário que sacerdotes, religiosos e religiosas conheçam de que modo se geram opiniões e mentalidades na sociedade actual, e assim se adaptem às condições do mundo em que vivem, uma vez que é aos homens de hoje que a Palavra de Deus deve ser anunciada, e que precisamente os meios de comunicação podem prestar valioso auxílio. Os que revelam qualidades e gosto especial, recebam uma formação mais acurada neste campo.⁶⁶

Por ocasião do 20º aniversário da *Communio et Progressio*, o Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais publicou uma nova instrução pastoral, intitulada *Aetatis Novae* (1992). Nela, é abordada a profunda revolução provocada pelos meios de comunicação de massa, reafirmando a necessidade de que a Igreja faça uso consciente e eficaz dos novos meios para cumprir sua missão evangelizadora⁶⁷. Entre os diversos temas tratados, cabe destaca a sua continuação para falar sobre a importância da formação dos agentes pastorais e dos sacerdotes para bem utilizar os meios de comunicação, consequentemente, assim levar a Boa Nova a todas as nações:

⁶⁵ “Cristo mandou aos Apóstolos e seus sucessores que ensinassem “todas as nações”, que fossem “a luz do mundo”, que proclamassem o Evangelho em todo o tempo e lugar. Do mesmo modo que Cristo se comportou, durante a sua vida terrestre, como o modelo perfeito do “Comunicador”, e os Apóstolos usaram os meios de comunicação então ao seu alcance, também o nosso trabalho apostólico actual deve usar as mais recentes descobertas da técnica. De facto, seria impossível, hoje em dia, cumprir o mandato de Cristo, sem utilizar as vantagens oferecidas por estes que permitem levar a mensagem a um número muito superior de homens. Aliás, o Concílio Vaticano II exorta os católicos a que, “sem demoras, usem os meios de comunicação social, nas diversas formas de apostolado”. CP 126.

⁶⁶ CP 111.

⁶⁷ ZANON, D., *Comunicar o Evangelho: Panorama Histórico do Magistério da Igreja sobre a Comunicação*, p. 73.

A educação e a formação para a comunicação devem fazer parte integrante da formação dos agentes pastorais e dos sacerdotes. São necessários vários elementos e aspectos para esta educação e formação. [...] Devem ainda estar prontas a partilhar o seu ministério, tanto com aqueles que são « ricos em informação » como com os que são « pobres em informação ». [...] Quanto aos que estarão activamente empenhados em trabalhos de comunicação para a Igreja, é necessário que adquiram competência profissional em matéria de mass media, assim como uma formação doutrinal e espiritual.⁶⁸

Durante o pontificado do Papa Paulo VI, também se destacaram diversos discursos sobre o uso dos meios de comunicação, por exemplo, na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, na qual afirma que a Igreja deve fazer uso dos “novos púlpitos” para anunciar a mensagem do Evangelho às multidões, ou seja, o Evangelho não deve permanecer à margem dos meios de comunicação, mas estar plenamente inserido neles⁶⁹. Desta forma, cabe aos presbíteros estarem inteirados, e bem formados para bem comunicar o Evangelho e assim realizar a missão da Igreja.

3.2

Comunicação e Formação Presbiteral: Itinerário no Processo Formativo

Uma boa comunicação, como foi tratado, é de fatal importância para Igreja para melhor evangelizar. Nenhum dos membros do corpo de Cristo estão fora dessa comunicação, pois todos os membros exercem a mesma função (Rm 12,4), de cumprir a ordem dado por Cristo de anunciar o Evangelhos a todos (Mc16,15). Contudo, quis o mesmo Senhor que outros fossem ministros entre os fiéis para reger e santificar esse Corpo místico de Cristo⁷⁰. Tal perspectiva converge com os ensinamentos presentes na *Inter Mirifica* ao dizer que é indispensável pensar a formar desde cedo os sacerdotes sobre o tema da comunicação⁷¹. O Pontifício conselho para as comunicações sociais alerta para esse cuidado que a Igreja deve ter sobre a formação dos seminaristas, e dos padres, para bem instruir o povo de Deus⁷². Com os documentos que lemos anteriormente, nota-se que comunicação não é um complemento na formação, mas uma dimensão constitutiva que perpassa a formação humana, espiritual, intelectual e pastoral.

⁶⁸ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, Instrução pastoral *Aetatis Novae*, n. 18.

⁶⁹ EN 45.

⁷⁰ PO 2.

⁷¹ IM 15.

⁷² PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, Igreja e internet.

A formação humana se justifica, porque o presbítero é formado para ser homem do encontro, da escuta e da empatia. Sem maturidade humana, não há comunicação eficaz. A *Ratio Fundamentalis*, documento da Santa Sé que orienta a formação dos futuros sacerdotes, afirma que “a formação humana constitui um elemento necessário para a evangelização, na medida em que o anúncio do Evangelho passa pela pessoa e é mediado por sua humanidade”⁷³. O texto ainda cita At 1,8, destacando que os “confins da terra”, nos tempos atuais, foram ampliados: surgiram novas praças públicas onde o sacerdote é chamado a comunicar o Evangelho. Por isso, a formação humana deve preparar o presbítero para ser um homem de comunhão⁷⁴, pois nesses novos ambientes “[...] os futuros pastores não podem ficar excluídos, seja em vista do seu processo formativo, seja em vista do seu futuro ministério.”, porque através desses novos ambientes de comunicação dos tempos atuais, o sacerdote poderá dar a conhecer a Igreja e o rosto de Cristo aos homens gerando comunhão através do seu exemplo e estado de vida⁷⁵.

A formação espiritual, alimentada pela oração contínua, transforma interiormente o presbítero, configurando-o ao Verbo que anuncia e tornando-o capaz de comunicar o mistério que contempla. A dimensão espiritual da formação busca fortalecer a união com Deus e com os irmãos, cultivando a amizade com Cristo, o Bom Pastor, e promovendo uma disposição constante de abertura e obediência à ação do Espírito Santo⁷⁶. O presbítero é chamado a viver uma profunda intimidade com Deus, como o próprio Cristo demonstrava em sua vida de oração, buscando sempre fazer a vontade do Pai (Jo 4,34). Para configurar-se cada vez mais a Cristo, é essencial que ele alimente essa comunhão com Deus “através da oração, da escuta da Palavra, da participação assídua nos sacramentos, na liturgia e na vida comunitária”⁷⁷. Assim, permanecendo unido ao Senhor por esses caminhos, estará mais apto a comunicar à Igreja o rosto de Cristo, o Bom Pastor.⁷⁸

Também na formação Intelectual, porque o estudo das diversas matérias acadêmicas, da doutrina e da comunicação torna o presbítero apto a traduzir o Evangelho à linguagem do povo. A formação intelectual tem como objetivo

⁷³ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Ratio Fundamentalis*, n. 97.

⁷⁴ PDV 43.

⁷⁵ BENTO XVI, PP., Mensagem para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2010.

⁷⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Ratio Fundamentalis*, n. 101.

⁷⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Ratio Fundamentalis*, n. 102.

⁷⁸ PDV 45.

proporcionar um conhecimento profundo tanto da filosofia quanto da teologia, além de uma base cultural ampla. Isso é essencial para que o presbítero possa anunciar o Evangelho de maneira clara, convincente e acessível às pessoas de hoje. Essa preparação também permite que dialogue com o mundo atual de forma construtiva e que seja capaz de explicar e defender a fé com argumentos racionais, evidenciando a sua verdade e beleza⁷⁹. Através dessa dimensão é onde ele será formado a responder os desafios da nova evangelização⁸⁰. O Papa Leão XIV, em seu discurso aos agentes da comunicação, destacou os desafios atuais de promover uma comunicação que não gere confusão, não seja indiferente ou fria, mas que se exprima na linguagem do amor: “Hoje, um dos desafios mais importantes é promover uma comunicação capaz de nos fazer sair da “torre de Babel” em que, por vezes, nos encontramos, sair da confusão de linguagens sem amor, muitas vezes ideológicas ou sectárias.”⁸¹. Para o presbítero, essa missão só será possível mediante a disposição ao estudo sério das culturas, das linguagens e, sobretudo, das Sagradas Escrituras, onde se revela a mensagem do amor de Deus e se fundamenta a comunicação autêntica da fé.

A formação dos presbíteros deve ser marcada por uma atitude pastoral constante, que os leve a agir com a mesma compaixão, entrega generosa e amor universal que caracterizaram a vida pública de Jesus, especialmente no cuidado com os mais necessitados.⁸² A dimensão pastoral da formação busca preparar o presbítero para viver e agir como Cristo Bom Pastor, priorizando o cuidado com o povo, sobretudo os mais vulneráveis, e ao anúncio do Reino se expressa naquilo que a Igreja chama de caridade pastoral. Mais do que aprender técnicas, trata-se de formar um coração sensível, disponível e comprometido com a missão evangelizadora da Igreja⁸³. A dimensão pastoral prepara o presbítero para comunicar o Evangelho com autenticidade e proximidade, formando-o para ser presença viva de Cristo no meio do povo. Essa formação o ajuda a desenvolver uma escuta atenta, sensibilidade nas relações e clareza no anúncio, tornando sua vida e ministério expressão concreta da mensagem que proclama. Segundo Sbardelotto, toda comunicação depende de um outro, que também escuta e interage com essa

⁷⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Ratio Fundamental*, n. 116.

⁸⁰ PDV 51.

⁸¹ LEÃO XIV, PP., Discurso aos agentes da comunicação, 2025.

⁸² CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Ratio Fundamental*, n. 119.

⁸³ PDV 57-58.

comunicação, assim com essa troca é que a comunicação se torna efetiva⁸⁴. Assim é o agir pastoral, não se fala sozinho, mas se fala para alguém que tem suas realidades de vida, suas fraquezas, seus anseios etc. O presbítero deve ter esse cuidado pastoral ao comunicar o evangelho da melhor forma possível. Essa comunicação não se encerra no outro, ela continua. E assim deve ser o agir pastoral do sacerdote ao comunicar o evangelho, porque que aquele que escuta também o propague ao exemplo da própria encarnação, morte e ressurreição de Cristo:

A comunicação também não termina no outro, mas continua em frente, como processo, como fluxo, rumo a outros "outros". O anúncio do anjo a Maria foi apenas um primeiro passo de uma longa Paixão, que não acabou na morte de Jesus na cruz, mas ganhou nova vida com a ressurreição, desdobrando-se até o fim dos tempos.⁸⁵

Todas essas dimensões são continuamente sustentadas e aprofundadas por meio da formação permanente do presbítero. É por meio dessa formação integral que o sacerdote, sob a ação do Espírito Santo, não apenas conhece Cristo, mas se configura progressivamente a Ele, em seu modo de ser e de agir, num constante caminho de amadurecimento interior.⁸⁶ Ao configurar-se cada vez mais a Cristo — modelo de comunicação por excelência — o presbítero torna-se capaz de anunciar com autenticidade o consolo de Deus àqueles que necessitam (Is 50,4), transmitir a alegria do Bom Pastor (Jo 10,1-18) e nutrir o povo de Deus com a Palavra, a oração e a Eucaristia⁸⁷. Assim, sua comunicação não é apenas técnica, mas nasce de uma comunhão profunda com aquele que é a própria Palavra e que comunicou a salvação a toda a humanidade, e a seu exemplo o presbítero se torne sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13-16).

3.3

Configuração ao Verbo Comunicador: O Agir Comunicativo do Presbítero

O presbítero, configurado a Cristo, participa de modo particular de sua missão. Diferentemente dos fiéis, cuja consagração brota da graça batismal e orienta-se à própria santificação, o ministério ordenado é chamado a servir e sustentar a vida espiritual da comunidade, atuando como instrumento da ação

⁸⁴ SBARDELOTTO, M., *Comunicar a fé: por quê? para quê? com quem?*, p. 32.

⁸⁵ SBARDELOTTO, M., *Comunicar a fé: por quê? para quê? com quem?*, p. 33.

⁸⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Ratio Fundamental*, n. 80.

⁸⁷ DAp 198-199.

salvífica de Cristo na Igreja⁸⁸. Pelo ministro ordenado, através do seu serviço, Cristo se faz presente na sua Igreja, aquele que é Verbo encarnado. Com sua encarnação, Ele comunicou a sua graça e verdade, se faz presente pelo ministro ordenado.⁸⁹ A Igreja expressa, que, por esse sacramento, o presbítero age “*in persona Christi Capitis*”⁹⁰. Consequentemente, o presbítero comunica porque é configurado a Cristo, Palavra encarnada. Como afirma o *Presbyterorum Ordinis*, o sacerdote participa da autoridade de Cristo:

O ministério dos sacerdotes, enquanto unido à Ordem episcopal, participa da autoridade com que o próprio Cristo edifica, santifica e governa o seu corpo. Por isso, o sacerdócio dos presbíteros, supondo, é certo, os sacramentos da iniciação cristã, é, todavia, conferido mediante um sacramento especial, em virtude do qual os presbíteros ficam assinalados com um carácter particular e, dessa maneira, configurados a Cristo sacerdote, de tal modo que possam agir em nome de Cristo cabeça. Participando, a seu modo, do múnus dos apóstolos, os presbíteros recebem de Deus a graça de serem ministros de Jesus Cristo no meio dos povos, desempenhando o sagrado ministério do Evangelho, para que seja aceita a oblação dos mesmos povos, santificada no Espírito Santo.⁹¹

Por meio de seu Filho, Deus revela plenamente o seu amor à humanidade, manifestando o mistério antes invisível. O Verbo eterno do Pai fez-se carne e habitou entre nós (Jo 1,14), inserindo-se na história humana e comunicando-se diretamente com a humanidade⁹². A encarnação representa o ponto culminante do diálogo entre o Criador e a criatura: em Jesus Cristo, a Palavra viva, Deus comunica-se de modo definitivo, transmitindo tudo o que ouviu do Pai (Jo 12,49). Ele é o mediador entre Deus e os homens (1Tm 5,5). Nesse horizonte, o presbítero, configurado a Cristo, participa dessa missão comunicativa, tornando-se ponte viva entre Deus e os homens. Sua identidade ministerial é, por essência, comunicativa: é chamado a ser transparência da Palavra, presença do Verbo encarnado no meio do povo, anunciando com a vida, com a palavra e com os sacramentos a proximidade do Reino de Deus.⁹³

A teologia da autocomunicação de Deus, formulada por Karl Rahner, compreende que Deus não apenas se oferece como dom ao ser humano, mas também torna possível, pela própria graça, a acolhida desse dom de modo pleno,

⁸⁸ CEC 1547.

⁸⁹ CEC 1548.

⁹⁰ CEC 1548.

⁹¹ PO 2.

⁹² CNBB, Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, n. 58.

⁹³ PO 13.

sem que Ele seja reduzido à finitude da experiência humana; essa dinâmica revela que a iniciativa divina é, ao mesmo tempo, oferta e condição da sua recepção autêntica.⁹⁴ Tal compreensão se conecta com a missão do presbítero como comunicador do Evangelho: sua vida, transformada pela graça, torna-se o lugar concreto onde a autocomunicação divina se manifesta e se transmite. O presbítero não comunica apenas conteúdos doutrinários, mas é chamado a tornar-se, em sua existência, imagem do próprio Cristo — sendo, assim, sinal sacramental e testemunha viva da presença de Deus.⁹⁵ Isso vai ao encontro com exortação apostólica do papa Francisco *Evangelii Gaudium*, ao afirmar que a evangelização exige comunicar Cristo com toda a vida, e não apenas com palavras.⁹⁶ O testemunho presbiteral, sustentado pela autocomunicação de Deus, torna-se não apenas uma função pastoral, mas meio existencial de tornar presente a Palavra viva que é Jesus Cristo.

A função pastoral se tornará eficaz com a caridade pastoral, onde o Concílio aborda como uma linguagem privilegiada de comunicar a Cristo a aqueles que vêm ao encontro com o presbítero. Quando o presbítero vive com autenticidade essa caridade, sua própria vida torna-se testemunho eficaz, pois é através dele que Cristo, o Bom Pastor, continua a cuidar do seu rebanho, “Assim, fazendo as vezes do Bom Pastor, encontrarão no próprio exercício da caridade pastoral o vínculo da perfeição sacerdotal, que conduz à unidade de vida e acção. [...] aquilo que se realiza sobre a ara do sacrifício, isso mesma procura realizar em si a alma sacerdotal.”⁹⁷ Quando o presbítero vive a sua função sacerdotal, ele comunica Cristo ao povo e Cristo se comunica a ele, nisto consiste o que vai dizer santo agostinho no seu sermão por ocasião do seu aniversário de ordenação: como serviço amoroso, faz do presbítero um irmão entre os resgatados, o presbítero serve com humildade ao rebanho, não

⁹⁴ “A autocomunicação de Deus apresenta-se dada não somente como dom, mas também como necessária condição da possibilidade da acolhida deste dom que permita que o próprio Deus seja realmente o dom, sem que este, em sua acolhida, de certa forma converta Deus em dom meramente finito e criado, que apenas represente Deus, mas que não seria realmente o próprio Deus. Para que se possa acolher a Deus, sem que nesta acolhida ele venha a ser rebaixado ao nível de nossa finitude, é mister que esta acolhida seja animada pelo próprio Deus. A autocomunicação de Deus é, portanto, como oferta, também a condição necessária da possibilidade de seu acolhimento.” RAHNER, K., Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo, p. 159.

⁹⁵ PO 4.

⁹⁶ EG 259.

⁹⁷ PO 14.

por superioridade, mas por gratidão a Cristo que o chamou a ser servo com e para os fiéis⁹⁸.

O presbítero é chamado a ser sinal vivo da ternura de Deus, presença visível do amor de Cristo que se comunica através do serviço, da escuta e da doação total. É próprio Cristo quem exige isso, “Tu me amas?... Apascenta minhas ovelhas” (Jo 21,15-17). Essa passagem mostra que o amor a Cristo se concretiza no pastoreio compassivo. Assim, o presbítero é chamado a ser sinal vivo da ternura de Deus, presença visível do amor de Cristo que se comunica através do serviço, da escuta e da doação total.

Ao recordamos o que foi dito que comunicar sempre é um caminho duplo, onde fala e se escuta, o presbítero através da escuta comunica o próprio Cristo. Diversas passagens na Sagradas Escrituras mostram Cristo como modelo de escuta compassiva. Em Mc 10,46-52, Jesus ouve o clamor do cego Bartimeu: “Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim!” — e para, escuta e o cura. Em Jo 11,32-35, ao escutar Maria lamentar a morte de Lázaro, “comoveu-se profundamente” e chorou. Em Mt 15,21-28, escuta com atenção a súplica da mulher cananeia, mesmo sendo estrangeira, reconhecendo sua fé e curando sua filha. Essas cenas mostram que a escuta de Jesus não é indiferente, mas ativa, misericordiosa e transformadora. Por isso, o presbítero, ao escutar com atenção e compaixão, torna-se comunicador da misericórdia de Cristo por sua presença atenta e acolhedora.

No discurso por ocasião do 56º Dia Mundial das Comunicações Sociais, o Papa Francisco destaca que a escuta atenta constitui o fundamento imprescindível do diálogo e da comunicação autêntica, uma vez que não é possível comunicar-se verdadeiramente sem antes dispor-se a ouvir.⁹⁹ Ainda nesse discurso, o Pontífice afirma que, na prática pastoral, o gesto mais essencial da caridade é justamente o “apostolado do ouvido”, no qual se oferece, com gratuidade, tempo e presença ao

⁹⁸ “Se então sou mais feliz por ter sido resgatado com vocês do que por ser servo de vocês, nem por isso deixarei de servi-los melhor, como ordena o Senhor, para não retribuir com ingratidão Aquele que me conquistou para ser, com vocês, servo dele”. AGOSTINHO, Sermão 340, 1: PL 38, 1483-1484.

⁹⁹ “Portanto, a escuta é o primeiro e indispensável ingrediente do diálogo e da boa comunicação. Não se comunica se primeiro não se escutou, nem se faz bom jornalismo sem a capacidade de escutar. Para fornecer uma informação sólida, equilibrada e completa, é necessário ter escutado prolongadamente. Para narrar um acontecimento ou descrever uma realidade numa reportagem, é essencial ter sabido escutar, prontos mesmo a mudar de ideia, a modificar as próprias hipóteses iniciais”. FRANCISCO, PP., Mensagem para o 56º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2022.

próximo, acolhendo-o com atenção antes mesmo de qualquer palavra, conforme exorta São Tiago: “cada um seja pronto para ouvir, lento para falar” (Tg 1,19).¹⁰⁰

Na doação total, o presbítero comunica, à semelhança de Cristo, o amor radical manifestado na cruz. Sua vida entregue ao serviço do povo de Deus, marcada por sacrifícios, renúncias e disponibilidade, torna-se sinal visível da esperança que brota da entrega redentora de Jesus. Como afirma São Paulo: “Com efeito, a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus” (1Cor 1,18). São João Paulo II fala da “fome do Evangelho” que deve mover o sacerdote, levando-o a colocar as necessidades do rebanho acima de seus interesses pessoais, num gesto de obediência configurado à de Cristo, que entregou sua vida nas mãos do Pai: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46)¹⁰¹. Essa obediência, assumida no dia da ordenação, é expressão viva do pastoreio. No entanto, a doação do presbítero não se encerra na cruz: à imagem de Cristo, sua entrega se abre também à alegria da Ressurreição. O presbítero comunica esperança e vida nova não apenas por meio do sofrimento oferecido, mas também por meio da alegria pascal que ilumina sua missão cotidiana. A alegria do ministério brota do encontro com o Ressuscitado, que envia seus discípulos a anunciarem a vida nova (Mt 28,19-20), e se renova sempre que uma alma se reconcilia com Deus. Assim, o presbítero, ao comunicar a misericórdia de Cristo crucificado e ressuscitado, experimenta a verdadeira alegria de cooperar com a obra da salvação, tornando-se instrumento da esperança pascal que renova todas as coisas. Como ensina o Catecismo da Igreja Católica:

Os sacerdotes “[...] são consagrados, à imagem de Cristo, sumo e eterno sacerdote, para pregar o Evangelho, ser pastores dos fiéis e celebrar o culto divino como verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento. Em virtude do sacramento da Ordem, os sacerdotes participam das dimensões universais da missão confiada por Cristo aos Apóstolos. O dom espiritual que receberam na ordenação prepara-os, não para uma missão limitada e restrita, «mas sim para uma missão de salvação de amplitude universal, "até aos confins da terra"», «dispostos, no seu coração, a pregar o Evangelho em toda a parte»¹⁰².

Sendo assim, ao tornar-se sinal vivo do Verbo encarnado, o presbítero é chamado a refletir na própria existência a comunicação salvífica de Deus. Essa configuração interior e sacramental exige que sua vida, marcada pela escuta, pela

¹⁰⁰ FRANCISCO, PP., Mensagem para o 56º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2022.

¹⁰¹ PDV 28.

¹⁰² CEC 1564-1565.

doação e pela presença misericordiosa, se traduza em gestos concretos na missão diária. O que se celebra no altar deve irradiar-se em atitudes pastorais, na proclamação da Palavra, na celebração dos sacramentos e no cuidado com o rebanho. É nessa tessitura do cotidiano que a comunicação presbiteral revela sua fecundidade, alcançando os corações pela palavra viva e pelos sinais da graça.

4

A Práxis comunicativa do presbítero

4.1

Evangelização: Palavra e Testemunho

Cristo após a sua ressurreição deixa uma missão à sua Igreja, na qual é essencial para que Ele seja conhecido a todos. No Evangelho de Marcos, Jesus de forma imperativa ordena, “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura”, ou seja, comunicar a boa nova a todos é uma característica intrínseca de todo discípulo de Cristo.¹⁰³ Contudo, é essencial a missão do presbítero como ministro da Palavra, pois, como recorda a *Presbyterorum Ordinis*, o povo de Deus, reunido pela Palavra, tem o justíssimo direito de escutá-la da boca do presbítero.¹⁰⁴ Ele tem como primeiro dever anunciar o Evangelho de Deus a todos para que essa missão designada por Cristo seja realizada.¹⁰⁵ A *Pastores dabo vobis* afirma que o presbítero anuncia a Palavra como ministro, participando da autoridade profética de Cristo e da Igreja. Para isso, deve cultivar amor e fidelidade à Tradição e ao Magistério, que garantem a reta interpretação do Evangelho. Assim, comunicar e anunciar exige adesão profunda à fé da Igreja:

Ele anuncia a Palavra na sua qualidade de "ministro", participante da autoridade profética de Cristo e da Igreja. Por isso, para ter em si mesmo e dar aos fiéis a garantia de transmitir o Evangelho na sua integridade, presbítero é chamado a cultivar uma sensibilidade, um amor e uma disponibilidade particular relativamente à Tradição viva da Igreja e do seu Magistério: estes não são estranhos à Palavra, servem antes a sua recta interpretação e conservam-lhe o autêntico sentido.¹⁰⁶

Para esse propósito, o presbítero precisa ter profunda intimidade com a Palavra, não apenas teórica, mas vivida com coração orante e dócil. Suas palavras e atitudes devem refletir “o pensamento de Cristo” (1Cor 2,16), tornando-o testemunha fiel do Evangelho. O presbítero evangeliza sendo o primeiro a deixar-se evangelizar pela Palavra que não é sua, mas da qual é servo. A exemplo dos apóstolos, inspira a configuração do presbítero como homem da oração e do ensino da Palavra, em continuidade com a missão de Cristo e da Igreja: “Quanto a nós, permaneceremos assíduos à oração e ao ministério da Palavra” (At 6,4). Nesse

¹⁰³ SILVA, A. A., Teologia e Comunicação Digital: A Nova Evangelização dos Nativos Virtuais.

¹⁰⁴ PO 4.

¹⁰⁵ PO 4.

¹⁰⁶ PDV 26.

caminho, o *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros* recorda que o anúncio só se torna fecundo quando brota do testemunho de vida, sem desprezar a pregação explícita, a catequese e a aplicação concreta da verdade revelada:

Em ordem a um frutuoso ministério da Palavra, tendo presente tal contexto, o presbítero deve dar o primado ao testemunho de vida, que faz descobrir a potência do amor de Deus e torna persuasiva a sua palavra. Além disso, não descuidará da pregação explícita do mistério de Cristo aos crentes, aos não cristãos e aos não crentes; da catequese, que é a exposição ordenada e orgânica da doutrina da Igreja; e da aplicação da verdade revelada à solução dos casos concretos.¹⁰⁷

Tal compreensão corresponde ao que ensina Bento XVI na *Verbum Domini*, ao afirmar que a Palavra de Deus é elemento indispensável para a configuração interior do presbítero como verdadeiro pastor e ministro da Palavra. Dessa forma, os ministros ordenados são chamados a assumir um renovado compromisso de santificação pessoal, sustentado por uma escuta fiel, constante e orante da Sagrada Escritura.¹⁰⁸ Essa relação constante com a Palavra alimenta a vida espiritual e sustenta a missão evangelizadora do ministro. A familiaridade cotidiana com a Palavra transforma interiormente o presbítero, tornando-o não apenas transmissor, um simples ouvinte, mas também praticante daquilo que anuncia (Tg 1,22). E tendo a Palavra de Deus como algo do seu cotidiano. São chamados a escutá-la diariamente, meditá-la com o coração e comunicá-la com fidelidade. Esse esforço contínuo os torna discípulos cada vez mais configurado a Cristo. Ao aprofundarem a doutrina que anunciam, saboreiam as riquezas insondáveis de Deus e reconhecem que é Ele quem age nos corações. E, como ensina São Paulo a Timóteo (1Tm 4,15-16), ao cuidarem de si mesmos na sua espiritualidade e no exercício do ministério, não só se santificam, mas também colaboram eficazmente na santificação daqueles que os escutam.¹⁰⁹

Santo Inácio de Antioquia, em sua carta aos Filadélfia, manifesta um profundo amor pela comunidade eclesial e reconhece que é em Cristo, e não por si mesmo, que encontra força para confortar os irmãos. Sua consciência de imperfeição, associada à confiança na oração dos fiéis, revela que a eficácia do ministério do presbítero como anunciador da Palavra nasce da comunhão com Deus e com a Igreja. Ao buscar refúgio no Evangelho e no presbitério apostólico, Inácio

¹⁰⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*, n. 34.

¹⁰⁸ VD 78.

¹⁰⁹ PO 13.

evidencia que o anúncio da Palavra não é um ato isolado, mas um serviço enraizado na tradição viva da Igreja e na unidade do corpo eclesial.¹¹⁰ Essa dimensão comunicativa do ministério está em sintonia com o que afirma a *Sacrosanctum Concilium*, ao ressaltar que a Sagrada Escritura, fonte da liturgia e das ações sagradas, deve inspirar um amor vivo e operante na vida do ministro.¹¹¹ O presbítero, configurado a Cristo, comunica a Palavra como testemunha da esperança comum, tornando-se elo entre a Revelação e o coração do povo fiel.

A relação do presbítero com a Palavra de Deus se expressa de forma privilegiada na Liturgia, onde a Sagrada Escritura é proclamada, interpretada e celebrada. É da própria Escritura que brotam as leituras, os salmos, as orações e os sinais que compõem a ação litúrgica. Ao anunciar o Evangelho na celebração, o presbítero se torna mediador da comunicação salvífica de Cristo, sendo ele mesmo continuamente transformado pela Palavra que proclama.¹¹² Na homilia o presbítero expõe os mistérios da fé as normas para vida Cristã, ou seja, aquilo que ele aprendeu e guardou no coração, na celebração litúrgica ele dá ao seu povo.¹¹³ A homilia atualiza a Palavra de Deus, revelando seu sentido profético ao iluminar as Escrituras à luz de Cristo e aplicá-las ao hoje da salvação. Assim, o presbítero comunica eficazmente a salvação, conduzindo a comunidade à vivência concreta do Evangelho durante a celebração litúrgica, fazendo da própria Liturgia um ato comunicativo, no qual Deus fala e seu povo responde, em um verdadeiro diálogo de fé que transforma e santifica.¹¹⁴ Ele vivendo o seu ministério como ouvinte e vivente da palavra, faz com que se torne verdadeiro servo da Palavra, chamado não a anunciar ideias próprias, mas a comunicar com fidelidade a voz de Cristo. Por meio da proclamação e explicação das Escrituras na liturgia, ele conduz o povo ao encontro vivo com o Mistério celebrado, fazendo da Palavra um lugar de comunhão

¹¹⁰ “Meus irmãos, transbordo todo de amor para convosco e em meu júbilo procuro confortar-vos. Não eu, mas Jesus Cristo. Estando prêso em Seu nome, temo tanto mais achar-me ainda imperfeito. No entanto, vossa prece me aperfeiçoará para Deus, com o intuito de conseguir a herança na qual obtive misericórdia, buscando refúgio no Evangelho, como na carne de Jesus, e nos Apóstolos como no presbitério da Igreja. ² Amemos igualmente os Profetas, por terem também êles anunciado o Evangelho, terem esperado n'Ele e O terem aguardado. Foram salvos por Lhe terem dado fé, e, unidos a Jesus Cristo, se tornarem santos dignos do nosso amor e admiração, aprovados pelo testemunho de Jesus Cristo, sendo enumerados no Evangelho da comum esperança.”. INÁCIO DE ANTIOQUIA, Carta aos Filadélfios, 5: PG 5, 700.

¹¹¹ SC 24.

¹¹² SC 24.

¹¹³ SC 54.

¹¹⁴ SC 33.

e de salvação, e levando em si mesmo a identidade da Igreja como sacramento da salvação.¹¹⁵

4.2

Liturgia: Comunicação no Mistério

A liturgia é, por essência, comunicação: nela se realiza o diálogo salvífico entre Deus e a humanidade, conforme a dinâmica da Revelação. Cada celebração expressa a comunhão trinitária por meio de sinais e símbolos, onde Deus se dá a conhecer e convida à participação em sua vida.¹¹⁶ A *sacrosanctum concilium* dirá que a Liturgia é o “cume e fonte” da vida e da missão da Igreja.¹¹⁷ É fonte da missão da Igreja porque alimenta os fiéis com os sacramentos pascais, fortalecendo-os para a vivência da fé no cotidiano. Ela impulsiona à prática da piedade, à caridade e à renovação contínua da aliança com Deus. Dessa forma, da liturgia brota a força espiritual que sustenta toda ação evangelizadora da Igreja.¹¹⁸ Como “cume” da vida da Igreja, a liturgia é o ponto culminante para o qual se orienta toda a sua ação, pois é nela que a comunhão com Cristo se realiza e se manifesta de modo pleno; como “fonte”, é dela que os fiéis extraem a graça divina que emana do mistério pascal, sobretudo nos sacramentos. Ao presidir a liturgia, o presbítero torna-se mediador visível dessa comunicação salvífica, tornando presente e eficaz, mediante os sinais sagrados e a Palavra, o mistério de Cristo. Como afirma São João Paulo II:

It is a source, because above all from the sacraments the faithful draw abundantly the water of grace which flows from the side of the Crucified Christ. To use an image dear to Pope John XXIII, it is like the village fountain to which every generation comes to draw water ever living and fresh. It is also a summit, both because all the activity of the Church is directed towards the communion of life with Christ, and because it is in the Liturgy that the Church manifests and communicates to the faithful the work of salvation, accomplished once and for all by Christ.¹¹⁹

Partindo dessa perspectiva, ressoa a promessa de Jesus: “Se alguém tem sede, venha a mim e beberá, aquele que crê em mim!” conforme a palavra da Escritura: De seu seio jorrarão rios de água viva.” (Jo 7,37-38), imagem que expressa a comunicação da graça como realidade dinâmica que brota da comunhão litúrgica

¹¹⁵ LG 48.

¹¹⁶ CNBB, Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, n. 101.

¹¹⁷ SC 10.

¹¹⁸ CARVALHO, D. C., A Liturgia como ponto culminante da missão: uma breve leitura da *Sacrosanctum Concilium* 10 à luz da *Evangelii Gaudium* 24, p. 16.

¹¹⁹ JOÃO PAULO II, PP., *Vicesimus Quintus Annus*: on the 25th anniversary of the promulgation of the Conciliar Constitution “*Sacrosanctum Concilium*” on the Sacred Liturgy. 4 dec. 1988, n. 10.

com o Ressuscitado. Para que essa comunicação seja fecunda, é essencial uma formação teológica sólida em liturgia, que capacite os ministros ordenados a celebrarem com consciência, interioridade e com senso de comunidade. Tal formação permite reconhecer que cada gesto, palavra, símbolo e silêncio na liturgia constitui uma linguagem que comunica o mistério do sagrado, envolvendo os fiéis na realidade salvífica atualizada em cada celebração.¹²⁰

Toda ação litúrgica deve respeitar essa comunicação sagrada, evitando reduções subjetivas ou funcionais. Na *Mediator Dei*, o papa Pio XII afirma que o culto prestado a Deus deve integrar dimensão externa e interna.¹²¹ Os gestos, palavras e ritos externos expressam e alimentam a fé, unindo o corpo místico da Igreja em comunhão visível. No entanto, o essencial é o culto interior, vivido com sinceridade e conversão do coração, sem o qual a liturgia se reduz a formalismo vazio. A verdadeira adoração brota da alma e se manifesta na expressão do amor e da entrega a Deus.¹²² Por isso, a liturgia não é um espaço de invenção pessoal, mas expressão da fé da Igreja celebrada em comunhão. Como recorda o mesmo papa, “a sagrada liturgia é exercida sobretudo pelos sacerdotes em nome da Igreja”¹²³, e por essa razão sua estrutura, forma e regulamentação pertencem exclusivamente à autoridade eclesial, garantindo a fidelidade à Tradição e ao conteúdo da fé.¹²⁴ O presbítero, ao presidir os ritos litúrgicos, torna-se comunicador autorizado da salvação, não em nome próprio, mas enquanto ministro da Igreja que age *in persona Christi Capitis*. Assim, sua atuação litúrgica exige adesão plena à doutrina e obediência ao Magistério, para que a comunicação do mistério de Cristo seja autêntica, fiel e eficaz — não uma expressão vazia, mas participação real na obra redentora tornada presente nos sacramentos.

Agindo na pessoa de Cristo, assim como foi com ele, o presbítero através dos gestos também comunica. O corpo do presbítero, seus gestos, olhares, postura e movimentos comunicam. Os sinais dos rituais sacramentais comunicam algo do próprio Cristo. Os gestos como a imposição das mãos, a unção com o óleo, a elevação do pão e do cálice, a bênção solene, não são simples adereços rituais, mas sinais eficazes que tornam visível a ação invisível da graça divina. Os sacramentos,

¹²⁰ ALMEIDA, G. S., A comunicação do sagrado na liturgia, p. 331.

¹²¹ MD 20.

¹²² MD 21.

¹²³ MD 39.

¹²⁴ MD 40.

ao mesmo tempo que comunicam a graça e edificam o Corpo de Cristo, instruem e fortalecem a fé dos fiéis por meio de sinais visíveis, exigindo uma celebração que favoreça sua plena compreensão e participação.¹²⁵ Consequentemente, os gestos do presbítero não apenas expressam sua fé e reverência, mas comunicam ao povo a ação salvífica de Deus, inserindo-os no mistério celebrado. Ao agir com dignidade, intencionalidade e clareza, o presbítero educa os fiéis para perceberem que, “Efectivamente, na Liturgia Deus fala ao Seu povo, e Cristo continua a anunciar o Evangelho. Por seu lado, o povo responde a Deus com o canto e a oração”¹²⁶ não só por palavras, mas também por gestos que evangelizam. Na liturgia, o ser humano expressa e contempla o mistério por meio de símbolos, unindo palavra e gesto como manifestação de sua interioridade. Essa dinâmica simbólica deve orientar toda a prática orante da Igreja.¹²⁷

A Desiderio desideravi recorda que a liturgia comunica o sacerdócio de Cristo através de sinais sensíveis que tornam presente sua Páscoa, transformando a vida dos fiéis.¹²⁸ Essa experiência exige redescobrir continuamente a beleza teológica da celebração, sem reduzi-la a um esteticismo superficial ou a uma banalização do sagrado.¹²⁹ O cuidado com os elementos rituais é necessário (espaço, tempo, gestos, palavras, objetos, vestes, canto, música e etc.), mas não suficiente: a participação plena requer consciência do mistério celebrado.¹³⁰ Dessa maneira, o rito se apresenta como meio de comunicação salvífica, e não apenas como forma externa. Por isso, o presbítero deve integrar liturgia e comunicação, unindo a linguagem simbólica dos sinais sagrados à oratória, à escuta atenta e à expressividade corporal. A liturgia, nesse contexto, constitui uma verdadeira escola de comunicação espiritual e pastoral, onde o presbítero aprende a tornar visível o mistério da fé por meio de gestos e palavras que edificam a assembleia.

Portanto, a Liturgia, como ação sagrada comunicativa, insere os fiéis na dinâmica da comunhão com o mistério pascal de Cristo, antecipando a liturgia

¹²⁵ SC 59.

¹²⁶ SC 33.

¹²⁷ “Na liturgia, o ser humano se coloca como criador e contemplador de símbolos. Ele prega e age com alma e corpo. Isso ocorre já com a palavra na qual se cumpre a primeira encarnação da interioridade. A consciência dessa realidade deve permear toda a *lex orandi* na liturgia.” ALMEIDA, G. S., *A comunicação do sagrado na liturgia*, p. 340.

¹²⁸ FRANCISCO, PP., *Desiderio desideravi*: sobre a formação litúrgica do povo de Deus, n. 21.

¹²⁹ FRANCISCO, PP., *Desiderio desideravi*: sobre a formação litúrgica do povo de Deus, n. 22.

¹³⁰ FRANCISCO, PP., *Desiderio desideravi*: sobre a formação litúrgica do povo de Deus, n. 23.

eterna. Por meio dos sinais e ritos terrenos, ela nos faz participar sacramentalmente da celebração celeste, onde Cristo é o eterno mediador.¹³¹ Assim, o presbítero, ao presidir a liturgia, comunica a esperança escatológica e une a assembleia terrena ao louvor dos céus.

4.3

O Presbítero e sua Presença Pastoral na Era Digital

A Igreja, fiel à sua missão evangelizadora, viu com avançar do tempo que o mundo foi evoluindo de forma cada vez mais acelerada. E diante do advento das mídias, e principalmente da Internet, a Igreja não podia desprezar a sua identidade e seu agir diante das novas realidades de comunicação. Os novos ambientes de comunicação, principalmente os meios digitais, tornaram-se um lugar vital da experiência de relação humana, onde as tecnologias não são apenas meios, mas extensões da própria identidade e convivência social.¹³² Diante disso, a Igreja é interpelada a rever sua presença e missão, inserindo-se de forma consciente e evangelizadora nesse novo panorama cultural. Compreendeu-se que a cultura digital não é apenas uma continuação da revolução de Gutenberg, mas um novo ambiente antropológico, marcado por relações em rede e pela construção coletiva de sentido. Autores contemporâneos indicam que se trata de uma autêntica revolução humana, comparável às grandes transformações copernicana, darwiniana e freudiana.¹³³ Diante disso, torna-se necessário que a ação do presbítero se inserida nesse espaço não como mera adaptação técnica, mas como presença encarnada. O Papa Francisco afirma que o mundo digital constitui um espaço fundamental para a ação pastoral:

«O ambiente digital caracteriza o mundo atual. Largas faixas da humanidade vivem mergulhadas nele de maneira ordinária e contínua. Já não se trata apenas de “usar” instrumentos de comunicação, mas de viver numa cultura amplamente digitalizada que tem impactos muito profundos na noção de tempo e espaço, na percepção de si mesmo, dos outros e do mundo, na maneira de comunicar, aprender, obter informações, entrar em relação com os outros. Uma abordagem da realidade, que tende a privilegiar a imagem relativamente à escuta e à leitura, influencia o modo de aprender e o desenvolvimento do sentido crítico».¹³⁴

¹³¹ SC 8.

¹³² ANDRÉIA, G., Infopastoral: o agir pastoral numa sociedade em transformação, p. 22-23.

¹³³ OS TRÊS “Cs” da revolução digital: entrevista com Luciano Floridi. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/611828-os-tres-cs-da-revolucao-digital-entrevista-com-luciano-floridi>.

¹³⁴ CV 86.

A Revelação de Deus, desde sempre, se manifesta através das realidades culturais de cada época, e a Igreja, em sua missão evangelizadora, aprendeu a acolher os instrumentos que favorecem a comunicação da fé. No tempo presente, os meios de comunicação social integram o cotidiano e o modo de viver do ser humano, tornando-se ambiente essencial de relação e construção de sentido. Por isso, não podem ser desconsiderados na ação pastoral. Assumi-los com sabedoria é corresponder ao chamado do Espírito que impulsiona a anunciar Cristo nas formas próprias de cada tempo.¹³⁵ A realidade contemporânea exige que a comunicação das verdades de fé seja constantemente atualizada, não apenas em conteúdo, mas em forma, linguagem e abordagem.

Traduzir o mistério de Cristo nas manifestações atuais não é relativizar a fé, mas torná-la acessível e significativa.¹³⁶ Diante disso, o presbítero é chamado a assumir com responsabilidade seu papel de comunicador da fé, o discernimento crítico e a capacidade de diálogo frente às transformações culturais e tecnológicas. Sua missão pastoral exige uma presença consciente e presente nos meios contemporâneos de comunicação, de modo que o Evangelho permaneça vivo e eficaz na transmissão da Boa Nova, alcançando o mais íntimo das pessoas em suas realidades concretas, atuais e espirituais.¹³⁷

O presbítero deve comunicar o Evangelho como testemunha, não apenas como um gestor de conteúdo nos diversos meios de comunicação. Seu testemunho precisa ser visível mesmo em ambientes digitais, traduzindo sua vida consagrada numa presença que inspire confiança, esperança e verdade. À luz da fé, ressoa o apelo de São Paulo: “fiz-me tudo para todos, para ganhar a todos” (1Cor 9,22). Ao comunicar-se nos meios de comunicação modernos, o presbítero é chamado a deixar transparecer, não apenas palavras, mas o testemunho de sua vida entregue a Deus. É da sua união com Cristo, cultivada na oração e na escuta da Palavra, que nasce uma comunicação que toca os corações. Sua presença nos meios de comunicação social, deve ser extensão de sua vocação, tornando visível, mesmo no fluxo impessoal da internet, a ternura e a verdade do Evangelho.¹³⁸ Aquele que

¹³⁵ JOÃO PAULO II, PP., Mensagem para o 24º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 27 maio 1990.

¹³⁶ ZANON, D., Comunicar o Evangelho: Panorama Histórico do Magistério da Igreja sobre a Comunicação, p. 104.

¹³⁷ JOÃO PAULO II, PP., Mensagem para o 23º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 27 maio 1989.

¹³⁸ BENTO XVI, PP., Mensagem para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 24 jan. 2010.

exerce o ministério sacerdotal é chamado a anunciar, não uma abstração teórica, mas a experiência concreta do Cristo vivo, que ele mesmo encontrou, contemplou e tocou na fé, tornando-se assim testemunha autêntica do Verbo encarnado que transforma a existência humana (1Jo,1-4).

Um outro desafio que o ministro ordenado tem diante desses novos meios é adaptar a linguagem. O presbítero precisa conhecer a linguagem simbólica e emocional das mídias para traduzir a mensagem evangélica sem perder a profundidade teológica. A comunicação pastoral exige adequação cultural e sensibilidade comunicativa. Seguindo o exemplo de Cristo, que comunicou a salvação a partir da realidade humana, assumindo a linguagem, os símbolos e a mentalidade de seu povo, o ministro ordenado é chamado a anunciar o Evangelho com fidelidade e coragem, adaptando-se às formas e expressões contemporâneas sem diluir a integridade da mensagem revelada.¹³⁹ Nisso consiste o dever da Igreja, como vai dizer a *Inter mirifica*, de pregar a salvação utilizando de todos os meios de comunicação social.¹⁴⁰

A cultura, enquanto realidade viva que forma a identidade, a linguagem e os modos de percepção do ser humano, exerce papel determinante na maneira como o Evangelho é aceito e compreendido. No contexto contemporâneo, profundamente moldado pela mídia de massa, os meios de comunicação não apenas transmitem conteúdos, mas configuram o imaginário, orientam os afetos e influenciam comportamentos.¹⁴¹ A evangelização exige uma presença lúcida e encarnada nesse "areópago moderno"¹⁴², onde a ausência equivale, muitas vezes, à invisibilidade da fé.¹⁴³ Como ensina São Paulo "Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!" (1Cor 9,16,), o presbítero deve fazer ressoar a Palavra também nesse novo espaço antropológico, tornando Cristo acessível no coração da cultura contemporânea.

¹³⁹ "Durante a sua permanência na terra, Cristo manifestou-se como perfeito Comunicador. Pela "Encarnação" fez-se semelhante àqueles que haviam de receber a sua mensagem; mensagem que comunicava com a palavra e com a vida. Não falava como que "de fora", mas "de dentro", a partir do seu povo; anunciava-lhe a palavra de Deus, toda a palavra de Deus, com coragem e sem compromissos; e no entanto adaptava-se à sua linguagem e mentalidade, encarnado como estava, na situação, a partir da qual falava." CP 11.

¹⁴⁰ IM 3.

¹⁴¹ ALTEMEYER JR., F.; BOMBONATTO, V. I., Teologia e Comunicação: Corpo, Palavra e Interfaces Cibernéticas. p. 168.

¹⁴² BENTO XVI, PP., Mensagem para o 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 5 jun. 2011.

¹⁴³ "Apesar das dificuldades apresentadas, o Evangelho necessita da linguagem midiática para ser proclamado." ALTEMEYER JR., F.; BOMBONATTO, V. I., Teologia e Comunicação: Corpo, Palavra e Interfaces Cibernéticas. p. 171.

Se olharmos no livro do Gênesis, veremos que tudo o que Deus criou era bom (Gn 1,31). Isso nos faz reconhecer que os novos meios de comunicação de massa, como frutos da inteligência humana, podem ser compreendidos como parte dessa criação de Deus, e por isso devem ser utilizados para que o Evangelho chegue a todos os povos. Isto enriquece tanto a própria Igreja com as várias culturas. A Igreja, consciente dos condicionamentos culturais de cada época, apropriou-se dos elementos próprios das diversas culturas para tornar a mensagem de Cristo mais inteligível, aprofundar sua compreensão teológica e dar-lhe expressão autêntica na liturgia e na vida da comunidade eclesial.¹⁴⁴ Com diz São João Paulo II esses meios de *mass mídia* colocados a serviço da missão da Igreja eles auxiliam a ampliar o campo da escuta do evangelho e o anúncio da salvação. Ele continua dizendo que a Igreja se sentiria culpável diante de Deus se não se colocasse no meio dessas novas criações.¹⁴⁵ Logo, o avanço dessas tecnologias se dá com ou sem a presença da Igreja, sendo assim, cabe a ela está inserido neles para ensinar os valores cristão para bem utilizar esses meios.

Contudo, com o avanço desses meios, com as novas criações, com o desenvolvimento das tecnologias, principalmente da internet, fez com que as informações, as interações humanas, o contato com quem estava longe, ficasse mais concreto a qualquer um.¹⁴⁶ Essa liberdade de acesso aos *mass mídia*, consequentemente, levou a caminho de desinformação, ou na linguagem usada na atualidade, as *Fake News*. Principalmente no ambiente virtual, se difundiu essa falta de comprometimento com a verdade. O uso responsável dos meios de comunicação requer discernimento ético, orientado à promoção da verdade, evitando conteúdos que comprometam a integridade espiritual.¹⁴⁷ A Igreja assume uma missão de aproximar o humano com A Verdade (Jo 14,6), por isso, a ética da comunicação visa o bem comum de todos, a vista, o próprio verbo encarnado manifesto o bem, o amor, de Deus a humanidade, dando uma sintonia entre o divino e humano.¹⁴⁸

Segundo o Papa Francisco, os meios digitais, quando mal utilizados, tornam-se espaços de alienação e violência simbólica, dificultando relações interpessoais

¹⁴⁴ GS 58.

¹⁴⁵ EN 45.

¹⁴⁶ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, *Ética na Internet*, 28 fev. 2002, n. 1; 9.

¹⁴⁷ IM 9.

¹⁴⁸ CNBB, Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, n. 88.

autênticas e expondo o ser humano à manipulação, à exploração e à perda do contato com a realidade concreta.¹⁴⁹ A Igreja, cabe atitudes diante dessa realidade, mas antes compete anunciar Jesus Cristo como resposta definitiva aos enseios humanos mais profundos, revelando a verdadeira vocação e esperança nesses novos meios.¹⁵⁰ Nesse sentido, o presbítero é chamado a ser ponte, mediador do encontro e agente do bem comum, também nos ambientes digitais. Sua formação integral deve ajudá-lo a ter discernimento crítico e pastoral sobre os meios de comunicação, para que possa orientar, evangelizar e formar os fiéis no uso ético e evangelizador dessas ferramentas. Todavia, cabe a ele também saber como bem utilizar na sua vida, pois com já visto, ele deve ser o primeiro a dar o testemunho.

Diante de uma cultura digital muitas vezes marcadas por conflitos, polarizações e desinformações, o presbítero é chamado a ser presença que une, promove comunhão e orienta para o bem comum. Não se trata de estar presente nos meios digitais e tecnológicos de comunicação, mas de assumir um modo comunicativo moldado pela lógica do testemunho, do encontro e da escuta. Como afirmar Moraes e Braido, comunicar é um ato pastoral que deve romper com a lógica do confronto e da superficialidade, criando vínculo que gerem pertença e comunhão com o corpo de Cristo. Assim sua formação deve prepará-lo para atuar nesses ambientes digitais a partir de uma ética fundada na caridade, que é o centro da comunicação cristã.¹⁵¹

A Caridade, sendo a essência da comunicação cristã, exige que cada ato comunicativo do presbítero seja expressão concreta do evangelho vivido. A comunidade eclesial torna-se espaços privilegiados onde a Caridade pastoral se manifesta não como simples filantropia, mas como encarnação cotidiana do amor de Cristo, traduzido em escuta atenta presença solidária e acolhimento misericordioso.¹⁵² A comunidade eclesial, inspirada na vivência dos primeiros cristãos, é o espaço onde a comunicação se enraíza na fraternidade da partilha. Tendo Cristo como centro final nela, os fiéis são chamados a testemunhar o evangelho por meio das relações autênticas e comunicativas. Valorizar os dons dos leigos nesse processo é caminho concreto para fortalecer o sentido de pertença e o

¹⁴⁹ CV 88.

¹⁵⁰ RODRIGUES, L. M. F., Evangelização e novas tecnologias, p. 306-307.

¹⁵¹ MORAES, A. O.; BRAIDO, O. O., Presença do ministro ordenado nas redes sociais: elementos para a elaboração de uma ética a serviço da comunhão, p. 283.

¹⁵² CNBB, Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, n. 35.

engajamento eclesial.¹⁵³ Como recorda o Papa Francisco, comunicar é promover uma “cultura do encontro”, que não se limita a palavras, mas se traduz em atitudes de cuidado e compromisso com o outro.¹⁵⁴ Assim, o presbítero torna-se mediador da caridade comunicativa, capaz de tornar visível, nos ambientes eclesiais e sociais, o rosto compassivo de Cristo.

Nisto, a evolução tecnológica pode ajudar a comunidade estar cada dia mais próxima. Através desses novos meios, a comunidade deixa de estar somente no físico, e passar estar no digital. Encontros podem ser feitos de maneira on-line, celebrações litúrgicas podem ser acessadas de maneira virtual, divulgações de eventos da comunidade, de ações comunitárias etc. Logo, “O ambiente digital não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade quotidiana de muitas pessoas” com vai afirmar o papa Bento XVI.¹⁵⁵ A comunidade cristã, ao reconhecer que o ambiente digital é uma realidade concreta e autêntica da existência humana, é chamada a habitá-lo como lugar de encontro, comunhão e anúncio do Evangelho, fortalecendo os vínculos fraternos também nesse novo areópago.¹⁵⁶

O presbítero é chamado a ser um comunicador capaz de gerar sentido evangélico nas novas linguagens digitais. Sua missão é unir tradição inovação palavra imagem presença física e digital diante desses meios contemporâneos de comunicação. A Igreja é chamada a sair de si mesmo e ir ao encontro de todas as periferias que precisam da luz do Evangelho¹⁵⁷. O papa Leão XIV ao receber o clero da diocese de Roma, exorta que o presbítero deve assumir uma postura profética diante dos desafios contemporâneos e digitais, abraçando-os como oportunidade para testemunho evangelho com coragem e fé. É fundamental que ele integre a dimensão pastoral e o estudo contínuo para interpretar e agir eficazmente na complexidade do mundo atual.¹⁵⁸ Desta forma, o ministro torna-se presença

¹⁵³ CNBB, Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, n. 185.

¹⁵⁴ FRANCISCO, PP., Mensagem para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2016.

¹⁵⁵ BENTO XVI, PP., Mensagem para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 12 maio 2013.

¹⁵⁶ SBARDELOTTO, M., Evangelização nas mídias digitais: comunicar a fé em tempos de rede, p.7.

¹⁵⁷ EG 20.

¹⁵⁸ “Uma última nota que vos quero confiar é a do olhar para os desafios do nosso tempo em chave profética [...] O Senhor quis-nos precisamente a nós neste tempo cheio de desafios que, às vezes, nos parecem maiores do que as nossas forças! Somos chamados a abraçar estes desafios, a interpretá-los evangelicamente, a vivê-los como ocasiões de testemunho. Não os evitemos! O compromisso pastoral e do estudo se torne para todos uma escola para aprender a construir o Reino de Deus no hoje de uma história complexa e estimulante.”. LEÃO XIV, PP., Discurso ao clero da Diocese de Roma 12 jun. 2025.

transformadora capaz de construir o Reino de Deus em meio às dinâmicas da cultura contemporânea.

5 Conclusão

Ao longo desta monografia, aprofundou-se a investigação sobre a intrínseca e vital relação entre a comunicação e a formação do presbítero, desde seus fundamentos na Revelação divina até sua manifestação na práxis evangelizadora contemporânea. A questão central que impulsionou esta pesquisa – "De que modo a comunicação, fundamentada na Revelação, sistematizada pelo Magistério e exigida pela missão evangelizadora, constitui um eixo essencial da formação e da identidade do presbítero na contemporaneidade?" – desvelou-se em uma série de reflexões que confirmam a comunicação não como uma mera habilidade acessória, mas como uma dimensão ontológica que molda a própria essência do sacerdócio ministerial. A comunicação, portanto, emerge como um pilar fundamental que configura o presbítero como um *alter Christus*, um reflexo autêntico do Verbo Comunicador.

O percurso analítico iniciou-se com a compreensão da comunicação a partir da Revelação divina. Desde os primórdios da criação – um ato comunicativo de um Deus que se doa em amor – até a plenitude da encarnação do Verbo em Jesus Cristo, revela uma história de diálogo contínuo e progressivo. Deus, em sua infinita sabedoria e amor, comunica-se de forma pedagógica, adaptando-se às linguagens e realidades humanas para estabelecer uma comunhão profunda. Jesus Cristo, o Verbo Encarnado, personifica o ápice dessa comunicação divina. Sua vida, seus ensinamentos, seus gestos de compaixão e, sobretudo, seu mistério pascal de paixão, morte e ressurreição, são a expressão máxima da comunicação salvífica de Deus. Essa compreensão teológica da comunicação serve como o alicerce para a formação presbiteral, pois o futuro ministro é chamado a ser um mediador dessa Palavra viva, um eco fiel da voz de Deus no mundo, um comunicador da esperança e da verdade que emanam do próprio coração divino.

Em seguida, a pesquisa debruçou-se sobre o Magistério da Igreja, que, ao longo dos séculos, demonstrou uma consciência crescente e aprofundada sobre a importância da comunicação para a missão evangelizadora. Documentos conciliares como a *Dei Verbum* e a *Inter Mirifica*, e exortações apostólicas mais recentes, como a *Verbum Domini*, a *Evangelii Gaudium* e a *Christus Vivit*, atestam

a insistência da Igreja na necessidade de uma comunicação que seja não apenas eficaz e relevante, mas também profundamente adaptada aos desafios de cada época. Nesse percurso, a *Communio et Progressio* aprofundou o tema, e a *Aetatis Novae* destacou a revolução dos meios de comunicação, reafirmando a necessidade do uso consciente desses para a missão evangelizadora da Igreja. O Magistério não se limita a reconhecer o vasto potencial dos meios de comunicação social, mas vai além, exortando os agentes pastorais, com especial ênfase nos presbíteros, a utilizá-los de forma ética, pastoral e discernida. O objetivo é claro: colocar esses meios a serviço do anúncio do Evangelho e da edificação do Reino de Deus. Essa sistematização magisterial da comunicação oferece um arcabouço teórico e prático para a formação presbiteral, orientando o desenvolvimento de habilidades comunicativas que estejam em plena sintonia com a doutrina e a práxis dinâmica da Igreja, garantindo que a mensagem cristã ressoe de forma autêntica e transformadora em todas as culturas e contextos.

Por último, a análise da práxis evangelizadora do presbítero revelou que a comunicação transcende a mera transmissão de informações. Em um mundo caracterizado pela fragmentação social, pela polarização ideológica e pela onipresença da cultura digital, o presbítero é convocado a ser um construtor de pontes, um promotor incansável do diálogo e um evangelizador digital por excelência. Isso implica uma comunicação que seja intrinsecamente capaz de gerar encontro, de cultivar a escuta atenta das realidades humanas, de discernir com sabedoria os sinais dos tempos e de anunciar o Evangelho de forma autêntica, relevante e transformadora. A presença do presbítero nos ambientes digitais, por exemplo, não se restringe à simples publicação de conteúdos, mas exige a construção de relacionamentos significativos, a promoção de uma cultura do encontro e a defesa inabalável dos valores do Evangelho em um espaço que, muitas vezes, se mostra desafiador e propenso à superficialidade. A comunicação, nesse sentido, emerge como um instrumento privilegiado para alcançar corações e mentes, para edificar comunidades vibrantes e para promover a justiça e a paz em um mundo sedento de sentido.

Diante de todo o exposto, a resposta à pergunta central desta monografia se torna clara: a comunicação, de fato, constitui um eixo da formação e da identidade do presbítero na contemporaneidade. Fundamentada na Revelação divina, cuidadosamente sistematizada pelo Magistério e imperativamente exigida pela

missão evangelizadora, a comunicação permeia e configura todas as dimensões da vida e do ministério presbiteral: a dimensão humana, a espiritual, a intelectual e a pastoral. O presbítero é, por vocação e missão, um comunicador, configurado a Cristo, o Verbo Comunicador. Ele é chamado a ser capaz de mediar a Palavra de Deus de forma autêntica, de construir pontes de diálogo em um mundo dividido e de promover a comunhão em uma sociedade muitas vezes fragmentada e sedenta de sentido e de esperança. A fidelidade a essa vocação sublime exige do presbítero uma formação contínua e um aprimoramento constante, que o capacitem a navegar com sabedoria e discernimento nos complexos mares da cultura digital, transformando os desafios em oportunidades fecundas para o anúncio do Reino de Deus.

A comunicação, em sua essência mais profunda, transcende a mera transmissão de informações para se configurar como um ato de comunhão, um reflexo da própria dinâmica trinitária de Deus. Ele é chamado a ser um eco da Palavra divina, um mediador da graça e um construtor de pontes entre Deus e a humanidade, e entre os próprios seres humanos. A fidelidade a essa vocação exige do presbítero não apenas o domínio da doutrina e da teologia, mas, sobretudo, uma profunda sensibilidade comunicativa, capaz de discernir as necessidades do rebanho, de adaptar a mensagem às diversas realidades culturais e de estabelecer um diálogo autêntico e transformador. A comunicação eficaz, portanto, não é um mero adorno, mas uma dimensão intrínseca à identidade presbiteral, um imperativo para a vivência plena do sacerdócio e para a fecundidade da missão evangelizadora.

Os desafios contemporâneos, especialmente aqueles impostos pela era digital, amplificam a urgência de uma formação comunicativa robusta para os presbíteros. A proliferação de informações, a velocidade das interações e a complexidade das redes sociais exigem do ministro ordenado uma capacidade de discernimento aguçada, uma presença autêntica e uma linguagem que ressoe nos corações e mentes das novas gerações. A evangelização no ambiente digital não se restringe à mera publicação de conteúdos, mas implica a construção de relacionamentos significativos, a promoção de uma cultura do encontro e a defesa dos valores do Evangelho em um espaço muitas vezes marcado pela polarização e pela superficialidade. O presbítero é chamado a ser um evangelizador digital, um comunicador da esperança e da alegria, capaz de utilizar as ferramentas tecnológicas a serviço da missão, sem, contudo, perder a profundidade da

mensagem e a autenticidade do testemunho. Isso requer uma formação contínua, que o capacite a navegar com sabedoria e discernimento nos mares da cultura digital, transformando os desafios em oportunidades para o anúncio do Reino de Deus.

Ademais, a comunicação presbiteral se manifesta de forma singular em cada dimensão do ministério. Na liturgia, o presbítero é o porta-voz da Palavra, o celebrante dos mistérios, e sua comunicação deve ser capaz de conduzir os fiéis ao encontro com o transcendente, de despertar a fé e de gerar comunhão. Na catequese, ele é o mestre e o guia, e sua comunicação deve ser clara, acessível e capaz de transmitir a riqueza da doutrina de forma cativante e transformadora. Na pregação, ele é o arauto do Evangelho, e sua comunicação deve ser inspiradora, profética e capaz de tocar os corações e de impulsionar à conversão. Na presença nos meios digitais, ele é o evangelizador online, e sua comunicação deve ser autêntica, relevante e capaz de estabelecer um diálogo significativo com aqueles que habitam o continente digital. Em todas essas dimensões, a comunicação não é um ato isolado, mas uma dinâmica contínua, que exige do presbítero uma constante atualização, um aprimoramento de suas habilidades e uma profunda sintonia com o Espírito Santo, que é o verdadeiro comunicador da graça e da verdade.

O presbítero, em sua identidade e missão, é um comunicador. Sua vida, seu testemunho, suas palavras e seus gestos são canais pelos quais a Palavra de Deus se torna presente e atuante no mundo. A formação presbiteral, portanto, deve ser concebida e implementada de forma a capacitar o futuro ministro para essa missão comunicativa em sua plenitude. Isso implica não apenas o desenvolvimento de habilidades técnicas, mas, sobretudo, uma profunda imersão na teologia da comunicação, que revele a dimensão divina e salvífica de todo ato comunicativo. Que a Igreja, em sua sabedoria e discernimento, continue a investir na formação comunicativa de seus presbíteros, para que eles possam ser, cada vez mais, sinais luminosos da presença de Deus em um mundo sedento de sentido e de esperança. A comunicação eficaz, no contexto do ministério presbiteral, transcende a mera oratória ou a habilidade de transmitir informações. Ela se enraíza na capacidade de escuta profunda, de empatia genuína e de discernimento das realidades humanas e espirituais. O presbítero é chamado a ser um ouvinte atento, capaz de acolher as dores, as alegrias, as esperanças e as angústias do povo de Deus. A empatia, por sua vez, permite ao presbítero colocar-se no lugar do outro, compreender suas

perspectivas e suas necessidades, e adaptar sua linguagem e sua mensagem de forma a torná-las acessíveis e relevantes. O discernimento, iluminado pelo Espírito Santo, capacita o presbítero a identificar os sinais dos tempos, a interpretar as realidades sociais e culturais à luz do Evangelho, e a propor caminhos de fé que sejam autênticos e transformadores.

Além disso, a dimensão profética da comunicação presbiteral merece um destaque especial. Em um mundo marcado por desigualdades, injustiças e exclusões, o presbítero é chamado a ser a voz dos que não têm voz, a denunciar as estruturas de pecado e a anunciar a justiça do Reino de Deus. Sua comunicação, nesse sentido, não pode ser neutra ou complacente, mas deve ser corajosa, incisiva e capaz de provocar a reflexão e a mudança. Isso implica a capacidade de confrontar as ideologias dominantes, de questionar os valores que se opõem ao Evangelho e de propor uma visão de mundo fundamentada na dignidade da pessoa humana e na solidariedade. A comunicação profética do presbítero, no entanto, não se limita à denúncia, mas se estende ao anúncio da esperança e da alegria do Evangelho, que é capaz de transformar as realidades mais adversas e de gerar vida nova. Essa dimensão profética exige do presbítero uma profunda sintonia com a Palavra de Deus, uma coragem inabalável e uma paixão ardente pela justiça e pela verdade, características que devem ser cultivadas ao longo de toda a sua formação e de seu ministério.

A formação contínua dos presbíteros em comunicação é um imperativo para que eles possam responder aos desafios e às oportunidades que se apresentam no cenário contemporâneo. As rápidas transformações tecnológicas e culturais exigem uma atualização constante das habilidades comunicativas, que vá além do domínio das ferramentas digitais e que abranja uma compreensão aprofundada das dinâmicas comunicacionais da era digital. A formação deve capacitar os presbíteros a utilizarem os meios de comunicação social de forma ética e pastoral, a discernir os conteúdos e as linguagens que circulam no ambiente virtual, e a promover uma cultura digital que seja a serviço do Evangelho e da comunhão. Isso implica a criação de espaços de formação permanente, que ofereçam aos presbíteros a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos, de trocar experiências e de desenvolver novas habilidades comunicativas, sempre à luz da fé e da doutrina da Igreja.

As reflexões apresentadas neste trabalho abrem caminhos para futuras investigações. Questões como aprofundar a análise da comunicação não-verbal no ministério presbiteral, explorar o impacto das novas tecnologias de inteligência artificial na evangelização e na formação sacerdotal, ou investigar a comunicação inter-religiosa no contexto da missão presbiteral, poderiam enriquecer ainda mais o campo de estudo. A complexidade da comunicação na era contemporânea exige um esforço contínuo de aprofundamento, de discernimento e de adaptação. A Igreja, em sua missão evangelizadora, não pode ignorar os desafios e as oportunidades que se apresentam no campo da comunicação. Pelo contrário, ela é chamada a ser protagonista nesse cenário, a utilizar os meios de comunicação a serviço do Evangelho e a formar presbíteros que sejam verdadeiros comunicadores da esperança e da alegria. O tema da sinodalidade onde se torna uma realidade comunicativa na Igreja, que exige do presbítero promover escuta, diálogo e discernimento comunitário. Sua comunicação deve criar ambiente de confiança e participação. Assim, a sinodalidade torna-se práxis concreta na missão evangelizadora. Que as perguntas levantadas neste estudo possam inspirar novas pesquisas, novos debates e novas iniciativas pastorais, contribuindo assim para que a comunicação seja cada vez mais um instrumento de comunhão, de diálogo e de transformação, a serviço do Reino de Deus.

Que este trabalho, ao explorar comunicação com eixo na formação e no ministério do presbítero, possa inspirar novas reflexões e aprofundamentos. A comunicação, em sua dimensão teológica e pastoral, continuará sendo um campo fértil para a pesquisa e para a práxis da Igreja, especialmente no que tange à formação e ao ministério dos presbíteros. Que este estudo possa inspirar a prosseguir na busca por uma comunicação que seja cada vez mais fiel à Revelação divina, atenta ao Magistério da Igreja e eficaz na práxis evangelizadora, contribuindo assim para a construção de um mundo mais justo, fraterno e permeado pela alegria do Evangelho.

6

Referências bibliográficas

AGOSTINHO. **Sermões**. Niterói: Teodoro Ed., 2020. v.3.

ALMEIDA, G. S. A comunicação do sagrado na liturgia. **Revista Brasileira de Teologia**, ano 25, n. 90, p. 325-346, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323890167_A_comunicacao_do_sagrado_na_liturgia. Acesso em: 10 jun. 2025.

ALTEMEYER JR., F.; BOMBONATTO, V. I. **Teologia e Comunicação: Corpo, Palavra e Interfaces Cibernéticas**. São Paulo: Paulinas, 2011.

ANDRÉIA, G. **Infopastoral: o agir pastoral numa sociedade em transformação**. São Paulo: Paulus, 2023.

BALTHASAR, H. U. V. **Gloria: La percepción de la forma**. Madrid: Ediciones Encuentro, 1985. Disponível em: <https://archive.org/details/gloria-la-percepcion-de-la-forma>. Acesso em: 3 maio 2025.

BENTO XVI, PP. **Deus Caritas Est**. Vaticano, 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html. Acesso em: 06 jun. 2025.

BENTO XVI, PP. **Homilia na Missa de abertura do Ano da Fé**. Vaticano, 11 out. 2012. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121011_anno-fede.html. Acesso em: 31 maio 2025.

BENTO XVI, PP. **Mensagem para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais**. 24 jan. 2010. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communications-day.html. Acesso em: 06 jun. 2025.

BENTO XVI, PP. **Verbum Domini: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja**. Vaticano, 2010. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html. Acesso em: 7 jun. 2025.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

BRESSANI, V. **A comunicação na formação presbiteral da Igreja Católica no Brasil**. Curitiba, 2015. 145p. Dissertação. Departamento de Comunicação, Universidade Federal do Paraná.

CARVALHO, D. C. A Liturgia como ponto culminante da missão: uma breve leitura da Sacrosanctum Concilium 10 à luz da Evangelii Gaudium 24. **PqTeo**, v. 2, n. 3, p. 14-22, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.puc-rio.br/pesquisasemteologia/article/view/827/608>. Acesso em: 13 jun. 2025.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html. Acesso em: 06 jun. 2025.

CELAM. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da v conferência geral do episcopado latino-americano e do caribe. 12. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

CNBB. **Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil**. 4.ed. Brasília: Edições CNBB, 2020. (Documentos da CNBB, 99).

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto Inter Mirifica**: sobre os meios de comunicação social. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html. Acesso em: 06 jun. 2025.

CONCÍLIO VATICANO II. **Gaudium et Spes**: constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual. Vaticano, 7 dez. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 13 jun. 2025.

CONCÍLIO VATICANO II. **Lumen Gentium**. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 06 jun. 2025.

CONCÍLIO VATICANO II. **Presbyterorum Ordinis**. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_presbyterorum-ordinis_po.html. Acesso em: 06 jun. 2025.

CONCÍLIO VATICANO II. **Sacrosanctum Concilium**. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 13 jun. 2025.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros**. Vaticano, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_20130731_directory2013_po.html. Acesso em: 7 jun. 2025.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Ratio Fundamental**. Disponível em: <https://www.clerus.va/content/dam/clerus/documenti/ratio-2026/Ratio-PT-5-12-2016.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2025.

DIDAQUE: catecismo dos primeiros cristãos. 6. ed. Petropolis: Vozes, 2003.

FRANCISCO, PP. **Christus Vivit**: Exortação Apostólica Pós-Sinodal aos Jovens e a todo o Povo de Deus. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html. Acesso em: 10 jun. 2025.

FRANCISCO, PP. **Desiderio desideravi**: Sobre a formação litúrgica do povo de Deus. Carta Apostólica. Vaticano, 29 jun. 2022. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/20220629-lettera-ap-desiderio-desideravi.html. Acesso em: 10 jun. 2025.

FRANCISCO, PP. **Discurso aos funcionários do Dicastério para a Comunicação**. 23 set. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco_20190923_dicastero-comunicazione.html. Acesso em: 06 jun. 2025.

FRANCISCO, PP. **Discurso no Simpósio Internacional “Para uma teologia fundamental do sacerdócio”**. 17 fev. 2022. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/february/documents/2022017-simposio-teologia-sacerdozio.html>. Acesso em: 3 maio 2025.

FRANCISCO, PP. **Evangelii Gaudium**. Vaticano, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 3 maio 2025.

FRANCISCO, PP. **Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais**, 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/document/s/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 5 maio 2025.

FRANCISCO, PP. **Mensagem para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais**, 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/document/s/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 13 jun. 2025.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. **Carta aos Filadélfios**. Disponível em: <https://www.cristianismo.org.br/inacio-6.htm>. Acesso em: 9 jun. 2025.

INSTRUÇÃO pastoral: *communio et progressio*. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_23051971_communio_po.html. Acesso em: 06 jun. 2025.

JESUS, L. N. Trindade: paradigma para a comunicação humana. **Revista de Cultura Teológica**, n. 83, p. 279 - 300, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.19176/rct.v22i83.20331>. Acesso em: 06 jun. 2025.

JOÃO PAULO II, PP. **Mensagem para o 23º Dia Mundial das Comunicações Sociais**, 27 maio 1989. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_24011989_world-communications-day.html. Acesso em: 13 jun. 2025.

JOÃO PAULO II, PP. **Mensagem para o 24º Dia Mundial das Comunicações Sociais**, 27 maio 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_24011990_world-communications-day.html. Acesso em: 13 jun. 2025.

JOÃO PAULO II, PP. **Pastore dabo Vobis**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031992_pastores-dabo-vobis.html. Acesso em: 06 jun. 2025.

JOÃO PAULO II, PP. **Redemptoris Missio**: Carta Encíclica sobre a permanente validade do mandato missionário. São Paulo: Paulinas, 1990.

JUSTINO. **1ª e 2ª Apologias, Diálogo com Trifão**. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística, 3).

KUNZ, C. A. O uso de parábolas e ações parabólicas na pregação de Jesus. **Vozes Teológicas**, v. 1, n. 1, p. 13-29, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/download/22/41>. Acesso em: 3 maio 2025.

LATOURELLE, R. **Teologia da Revelação**. São Paulo: Paulinas, 1985.

LEÃO XIV, PP. **Discurso ao clero da Diocese de Roma**. 12 jun. 2025. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2025/june/documents/20250612-clero-romano.html>. Acesso em: 13 jun. 2025.

LEÃO XIV, PP. **Discurso aos agentes da comunicação**, 2025. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2025/may/documents/20250512-media.html>. Acesso em: 06 jun. 2025.

LIBÂNIO, J. B. **Teologia da Revelação a partir da Modernidade**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

MARTIELO, E. **A participação ativa na liturgia**: um traçado histórico. São Paulo, 2022. 52p. TCC. Departamento de Teologia, PUC-SP. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu.br/wp->. Acesso em: 06 jun. 2025.

MORAES, A. O.; BRAIDO, O. O. Presença do ministro ordenado nas redes sociais: elementos para a elaboração de uma ética a serviço da comunhão. **Pesquisas em Teologia**, v. 6, n. 12, p. 269-289, 2023. Disponível em: <https://periodicos.puc-rio.br/index.php/pesquisasemteologia/article/view/1996>. Acesso em: 13 jun. 2025.

MÜLLER, G. L. **Dogmática Católica**: teoria e prática da teologia. Tradução de Luiz Carlos Susin. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

OS TRÊS “Cs” da revolução digital: entrevista com Luciano Floridi. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/611828-os-tres-cs-da-revolucao-digital-entrevista-com-luciano-floridi>. Acesso em: 13 jun. 2025.

PAULO VI, PP. **Evangelii Nuntiandi**: Exortação Apostólica sobre a Evangelização no Mundo Atual, 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 06 jun. 2025.

PIAZZA, W. **A Revelação Cristã na Constituição Dogmática Dei Verbum**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

PIO XII, PP. **Mediator Dei**: Encíclica sobre a sagrada liturgia. Vaticano, 20 nov. 1947. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20111947_mediator-dei.html. Acesso em: 10 jun. 2025.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. **Ética na Internet**. Cidade do Vaticano, 28 fev. 2002. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_ethics-internet_po.html. Acesso em: 13 jun. 2025.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. **Igreja e internet**. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html. Acesso em: 06 jun. 2025.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. **Instrução pastoral Aetatis Novae**. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_22021992_aetatis_po.html. Acesso em: 06 jun. 2025.

PUNTEL, J. T. **Inter Mirifica**: texto e comentário, São Paulo: Paulinas, 2012.

RAHNER, K. **Curso fundamental da fé**: introdução ao conceito de cristianismo. Tradução de Alberto Costa. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

RODRIGUES, L. M. F. Evangelização e novas tecnologias. **Theologica**, v. 46, n. 2, p. 289-328, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.34632/theologica.2011.2191>. Acesso em: 13 jun. 2025.

SBARDELOTTO, M. **Comunicar a fé**: por quê? para quê? com quem?. Petrópolis: Vozes, 2020.

SBARDELOTTO, M. Evangelização nas mídias digitais: comunicar a fé em tempos de rede. **Teocomunicação**, v. 53, n. 1, p. 5-10, 2023. Disponível em: https://www.academia.edu/62909847/Evangeliza%C3%A7%C3%A3o_nas_m%C3%ADdias_digitais_comunicar_a_f%C3%A9_em_tempos_de_rede. Acesso em: 13 jun. 2025.

SILVA, A. A. Teologia e Comunicação Digital: A Nova Evangelização dos Nativos Virtuais. *In*: CONGRESSO ESTADUAL DE TEOLOGIA, 1., 2013, São Leopoldo. **Anais eletrônicos** [...]. São Leopoldo: EST, v. 1, 2013. p. 80-89. Disponível em: <https://www.academia.edu/58911677>. Acesso em: 7 jun. 2025.

ZANON, D. **Comunicar o Evangelho**: panorama histórico do magistério da Igreja sobre a comunicação. São Paulo: Paulus, 2021.